

ANEXO II - Entrevistas

1. Os Pescadores

Praia dos Camaroeiros

QUAL O SIGNIFICADO DA NATUREZA PARA VOCÊ?

A. dos S.: “tem muito lixo no mar, na água, né? A gente evita jogá, colocá num, saquinho né, o lixo pra trazê embora. Muita embarcação joga fora, joga no mar mesmo. Eu evito, eu desde moleque eu sempre evitei jogar lixo no mar até quando... a realidade da gente é arrasto né? Ela vem raspando o fundo, então tudo que tem no fundo ela recolhe... vem tudo com o sacador né? Vem junto com o camarão e até o lixo que vem na rede a gente tenta jogar num cantinho, trazê embora né, põe numa caixa né, custa nada trazê embora mas tem muito... muita embracção que joga tudo na água. Bom, no mar a gente não planta nada né, se a gente num poder pelo menos cuidá um pouquinho. Que o ganha pão da gente é esse daí mesmo né? Então a gente tem que tentá preservar pro... pra hora que os filho da gente tiver grande né, se por um acaso precisá disso aí pelo menos a parte da gente a gente tenta fazer né?”

QUAL O SIGNIFICADO DO MAR PARA VOCÊ?

A. S.: “O mar? Eu já tentei morá em São Paulo, passei 15 dias lá, fiquei até doente. Longe disso aqui eu não consigo viver não tá? Costuma né? Tô costumado já. Minha... minha família já é centenária aqui em Caraguá. O meu vô morava aí onde é o fórum. O meu vô subia essa... essa valeta. Hoje é uma valeta né? Ele subia isso aqui, virava aqui nessa... nessa parte que vai pra cima assim. Antigamente era canoa né? Antigamente não existia barco, não existia nada. E essa, o nome dessa travessa aí é o nome dele, o nome do meu bisavô. Já é centenário já, é a 5ª geração já de... pesca... meu pai que saiu um pouquinho que trabalhou um pouco com caminhão né? Mas ele já vendeu o caminhão, comprou barco daí... foi seguindo né? Já a gente vive em contato com a Natureza. Graças a Deus eu posso... como se diz aí... unir o útil ao agradável né? Porque... eu adoro isso aí... não consigo fazer outra coisa. Já tentei trabalhar em terra, má num, num acostuma, num adianta. É direto no mar. É tenta cuidá prá num acabá tão cedo. Tem muita gente que só pensa em depredar e arrancar do mar né? Tem muita pesca predatória, coisa que eu num concordo. Não tanto com barco grande né, mas a... que agora essa área aqui fecharam né? Essa, essa bacia aqui num pode mais arrastar aqui dentro, então tem um zoneamentos que eles... é tipo linha imaginária né? É daquela ponta escura lá... essa ponta Martim de Sá... É, então... daqui pra dentro ce num pode arrastá, só daqui pra fora. Aí já é, já é, já foi uma grande coisa né? Que se olhando daqui é uma área grande né? Aí já num pode arrastá mais, só trabalhá com rede só... aí já é... alguma coisa... mas o pessoal não respeita. À noite eles, eles sabem que hora a lancha da marinha, da lancha da florestal sai da água, eles saem e arrasta aí dentro. Alguns num, num respeita né? Num adianta. Essas embarcações grandes, essa tipo de aparelha, pescaria predatória. É... é uma rede enorme. São dois barcos, dois monstros, dois barcos...”

ANEXO II – Entrevistas (cont.)

trabalham puxando uma rede, então o peixinho que vem, eles jogam tudo fora, num adianta... é muita... muita destruição.”

QUAL O SIGNIFICADO DA NATUREZA PARA VOCÊ?

D. S.: “pra mim, a Natureza pra mim é tudo né? Se falta ela, falta tudo. Porque o que mais gera oxigênio aqui na natureza é o mar, né? Num tem outra coisa a não ser o mar. Se hoje em dia que se polui o mar, tá acabando o planeta nosso, né? Tanto a Amazônia quanto o lugar aí...Vai dá tanto oxigênio que nem o mar. Nós somos rico em oxigênio do mar. Sabe disso, você é estudada, você sabe né?”

D. S.: “pra mim eu sinto mais a vontade, tenho mais saúde. Eu sinto tudo né, bom na beira da praia né? Pra mim... eu vivendo em Caraguatatuba não vou viver em São Paulo. A poluição em São Paulo... aqui, aqui num tem poluição, não existe isso. Aqui num existe, aqui é a natureza. Ce levanta cedo, ce sente o ar da natureza, ce vive mais. Agora ce chegando numa... numa cidade só poluição, você não vai vivê. A tendência sua é diminuí, reduzi anos de vida, né?”

QUAL O SIGNIFICADO DO MAR PARA VOCÊ?

D. S.: “é o coração do mundo né? A mata, a natureza é o coração do mundo, mesmo. É o que gera o oxigênio nosso, né?”

D. S.: “é, tem isso aí que a gente tá falando mesmo né? Na natureza, pra mim é muito bom o que tem aqui, é isso aí... O mar ele vira muito, né? Ele dá muita viravolta. É onde acontece, onde sai muito oxigênio, né? O mar, né? Pra mim, tudo minha vida foi o mar. Você vê essas serra, essas costa, tudo aí. Isso não gera tanto oxigênio quanto gera o mar, né? Ele é que num pode ser poluído. Porque geralmente o pescador ele já leva... ele leva a sacolinha, põe o lixo que usa no barco, põe na sacolinha pra trazê pra praia prá por o lixo. Preservá lógico. Que senão vai chegando um tempo que num vai existi mais nada no mar, nem mais um peixe, nem mais nada, né?Vai acabá tudo. Que isso aí, já ta acabando né? Já tão acabando. Isso aí vai prejudicá muito a criançada que vem vindo de hoje em dia... os novo né? Porque os veio já vai cabando, vai ficando os novo né? Porque o mundo num tem fim, tem fim pra quem morre só né? Concorda comigo ou não? Vai acabá pra quem morre, o mundo acaba pra quem morre. Sempre que eu pensei assim, acaba pra quem morre. Eu num acabo. Eu nunca acabei, porque eu preservo ele. Eu tenho aonde eu moro na minha, na minha na minha casa tantas árvore. Eu preservo as árvore. Eu planto mais árvore aqui do que destruí. Qué dizê... Eu quando eu tinha sítio eu destruí a mata mas só que hoje eu me arrependo do que eu fiz. Quando ce é moleque ce faz coisa sem pensá. Porque sei lá, eu acho... eu acho que simplesmente é isso. Não tem prá onde corrê mais né?”

QUAL O SIGNIFICADO DA NATUREZA PARA VOCÊ?

ANEXO II – Entrevistas (cont.)

V. J. M.: “natureza é... vô falá procê... é a coisa bonita. Ce tem que respeita né? O lixo dum barco, quando... num vô jogá um papel, alguma coisa... já penso né na natureza. No caso, sacolinha, trago pra terra, sempre ta trazendo. Sacolinha em sacolinha, rapaz falo... Ah, tem gente que falo... Ah, prá que se guarda isso aí? Falei, não levá pra terra porque o lixo é jogado em terra, se jogando... Ah, mas tem bastante coisa no fundo do mar. No arrastão vê muita coisa no fundo mar né? Vem muito, sacolinha, vem plástico, vem... aí você tem que jogá tudo fora. Se você for trazê tudo, ce num consegue trazê... o barco num suporta o, o.... tanto de lixo que tem no mar. E aí ce vê a judieira, ce vê pô... ce jogando a sacolinha no mar, eu tô prejudicando mais o meio ambiente ainda né? É por aí...”

QUAL O SIGNIFICADO DO MAR PARA VOCÊ?

V. J. M.: “ o mar pra mim... eu sou... trabalho com carpintaria e marcenaria, mas eu prefiro pescá porque to direto com a natureza... é a coisa que assim... eu me reflito muito no mar... coisa... é...eu tenho uma emoção diferente do que tá trabalhando em terra, né? Trabalho em terra é mais seguro, mas eu prefiro tá no mar pescando... eu tô direto com a natureza... meus pensamento são outros... é... os problema que eu tenho em terra eu esqueço tudo. Então é... as coisa que eu, os problema que eu tenha em terra nossa... eu, no mar eu tô livre daqueles problema. Parece que num tem nada de problema no mar. Traz uma paz, né? Assim... tem lá, tem o... o mar tem o lado bom, o lado ruim também. Tem os vento, tem o é... a pescaria fraca, ficá com, com despesa pra pagá, tem um monte de coisa só que... o mar além de tudo isso, ele traz a paz né? Paz espiritual pra você. Eu penso assim. Meu modo de pensá é é... é assim porque.. o mar é muito.. eu... eu... tenho um respeito muito grande pelo mar. É uma coisa muito sagrada, né? O pescador... o pescador tem que ser... o mar tem que ser lhe muito sagrado e respeitá muito o mar. Não é ele falá que ele é bom no mar, nada disso. Bom é Deus né? É verdade. É isso que eu tenho a dizer.”

QUAL O SIGNIFICADO DA NATUREZA PARA VOCÊ?

A. S.: “a natureza... é uma coisa muito bom mas... pra ela ficá boa mesmo tem que cuidá da Natureza, das coisas naturais que nem a pesca, que nem nós tava falado do saquinho de plástico. Tudo isso aí estraga a natureza. Mata os bicho, né? A tartaruga principalmente ela come o saco plástico. Já limpei tartaruga que já tava morta né? Pra num jogá fora, pra num perde a carne dela né? Limpei. E aí eu... localizei o saco plástico dentro. Então isso aí a gente tem que procurá fazê o melhor pra que num aconteça mais isso né? Então é isso que nós tamo fazendo. Tira o saco plástico, que os turista que venha não faça isso porque prejudica... a natureza né?”

QUAL O SIGNIFICADO DO MAR PARA VOCÊ?

A. S.: “o dia-a-dia é trabalhando, senão trabalhá as coisa fica ruim. Tem que trabalhá. A gente depende da mercadoria. Se não vem nada... a gente tem que ficá no mar. Às vezes eu saio na segunda só volto no sábado, domingo. A gente procura

ANEXO II – Entrevistas (cont.)

pescá um pouco mais pra vê se traz alguma mercadoria porque se chegá no acerto de conta num tem como.... e manter dentro de casa. Muito temporal forte, né? A natureza ninguém segura. Muito vento, a venta venta. Perigoso até. Eu perdi meu pai no mar, ele faleceu no mar. Encalhou na praia do Indaiá aí... o corpo dele. Já tava doze dia na água. E é incrível viu porque tinha até camarão no corpo dele assim, siri, ele fez um buraco aqui. Foi vento forte, tempestade. Tavam em quatro. Um escapou, morreu três. Até um que tava junto é o pai do rapaz de amarelo ali... que tava junto com meu pai, morreu também, há muitos anos já. Há mais de trinta anos. Tinha três anos quando meu pai faleceu, eu tô com 45. Eu conheci ele mais por fotografia que eu vejo na minha casa porque eu não tenho lembrança dele. Tenho a mesma profissão. Peço a Deus que tome conta da gente porque não é fácil não. Quando a gente tá perto de alguma ilha que a gente pode encostá rápido que num... é... antes do vento caí... a gente tá safo. Mas se tiver no larga mar ta arriscado a perdê a vida. Afunda o barco, acaba tudo, desaparece tudo. O mar engole mesmo, não tem jeito. Um barco por maior que ele seja, diante de um oceano desse ele é uma caixa de fósforo. Não é brincadeira. Então é isso aí. Nesse momento eu acho que terminou, essa é a parte do mar, né? Agora aqui em terra eu já não entendo muito não, né, o negócio... Eu trabalho com obra também. Trabalho, faço reboque, mas é muito difícil eu, eu fazê esse tipo de coisa. O meu ramo é o mar, o trabalho. To viciado a trabalhar no mar já. Tem vez que eu fico dois, três dias em terra, eu já fico nervoso, querendo ir... puxa, vamo por gelo, vamo saí, vamo ficá uns dois, três dias lá... A gente fica apavorado. Num acostuma mais ficá só em terá, dentro de casa. Num sei... acho que é o sistema da gente, o... é os atos que o ser humano tem né meu? Tem uns que já é mais tranqüilo, já num gosta nem de fazer nada mesmo, falô? Agora tem outros que já gosta de trabalhá, já gosta de ser, né?... se movimentar no trabalho, se sentir melhor. Eu acho que é isso mesmo.”

QUAL O SIGNIFICADO DA NATUREZA PARA VOCÊ?

M. F. S. F.: “eu acho muito bonito né? Lá fora por exemplo ce vê os golfinho. Ce tá viajando ele viaja com você. Acho muito bonito”.

“Saúde, saúde... lá fora... o ar puro, né? Não é poluído”.

“É bonito que ce tá lá fora ce ta puxando a rede ce vê o pescado vindo né? É bonito né? E é ruim quando você puxa puxa a rede e num vem pescado nenhum, né? Aí num gosta não, ninguém gosta né? Ficá lá fora a noite inteira acordado né? Dia cedo ce vai... puxá o... a rede e num vem nada né? Aí chateia a gente.”

QUAL O SIGNIFICADO DO MAR PARA VOCÊ?

M. F. S. F.: “O mar eu tenho muito respeito com ele. Num é medo não, num é medo... porque ele num gosta do homem. Ele não. Eu num sei explicá isso mas ele num gosta do homem não. A gente tem que tê muito respeito com ele, e não tê medo. Pra ce tê uma idéia... ele... se tive uma folha de um mato em cima dele, ele,

ANEXO II – Entrevistas (cont.)

ele, ele num sossega enquanto num por pá terra. Sabia disso? Uma árvore, ele vai indo até jogá em terra. Rejeita. Num pode tê medo, só isso. Mas tem que tê respeito. E eu tenho.”

QUAL O SIGNIFICADO DA PESCA PARA VOCÊ?

M. F. S. F.: “antes você tirava o sustento, hoje não. Hoje ce tá trocando figurinha né? E por que motivo? Vamo por aí uns cinco anos atrás. O camarão custava 5 reais e o diesel custava menos de 1 real. Hoje tá quase 2 e o preço tá o mesmo. Isso... aumentá o preço. Cação há 10 anos atrás tava 8 reais, 9 reais o kilo. Hoje continua, o mesmo preço. E o diesel só subindo. Que nem, a gente chama de rancho que vai pro... a bordo, né?... e a comida né? Antes ce fazia com 20 reais, hoje é 100, 200... num é mesmo?”

Porto Novo

QUAL O SIGNIFICADO DA NATUREZA PARA VOCÊ?

L. G. S.: “Muitas coisas, muito bom né? ... é muito legal ce vice da pesca a partir do momento que ce teja cuidando da natureza, agora a partir do momento que ce teja desmanchando... pega uma tartaruga, você mata aquela tartaruga.. aí você ta... ce... eu acho qui isso num pode acontece né? Muitos faiz isso né? Eu acho qui é errado né?”

QUAL O SIGNIFICADO DA PESCA PARA VOCÊ?

L. G. S.: “é bom porque quando eu comecei a pescá meu pai ainda falô pra mim que não era pra mim pescá, aí no final eu acabei pescando. Té agora eu gostei, graças a Deus. Muito bom... muito legal... é legal você vivê da pesca assim... num sei.... meu filho num sei se vai ser pescador ninguém sabe né? Vamo vê, só Deus sabe né?”

L. G. S.: “lá fora é assim... pesca não é pra qualquer um né? Turista quer saber, quer ir pescá, num sabe, então... pescá num é pra qualquer um. Tem muitos lugar que tem muito parcel, muitas tragédia acontece aí no mar... Igual esses dias na ilha dos Búzio uma lanchinha do bombeiro, num conhece, bateu de noite porque foi fazê um socorro, bateu então... muitos num conhece, qué se metê não é? Igual.... qualqué um tem carteira de pesca né? Por quê? porque... agora não, agora ta difícil tirá né? Ta difícil então.. quer dizê, carta qualqué um conseguia tirá, agora não. Tem que sê, tá certo, mais rigoroso né? Qualqué um se mete na pesca, qualqué um qué pescá, então num é assim, o mar não é pra qualqué um né? Ce sai, às vezes ce tá trabalhando igual... no ano passado nós fomo pra Ubatuba, pegamo um vento forte lá, se é uma pessoa qui num conhece, se perde nomeio do tempo ruim. Ah... é perigoso, acontece muitas coisa né? O mar tá ruim, o mar tá grosso.. se ce num controlá com o barco, ce vira o barco né?”

ANEXO II – Entrevistas (cont.)

L. G. S.: “pra mim, eu num quero mais saí, cada vez tá ficando mais difícil. Pra pescá eu tenho vontade de saí mais né? Já tenho carteira, tenho tudo né? O barco... num tem como ce largá disso mais, só qui cada vez mais vai ficando mais difícil né? Vai ficando mais difícil porque... a pesca ta ficando difícil, o mar só anda ruim, igual... vai fazê dois... dia 31 agora se num melhorá o tempo... é dois meses já cum tempo ruim qui nós num ganha mixaria... já vai lá, mata lá 20, 40 kilo de camarão. Tá ficando difícil né? Cada vez mais vai ficando mais difícil. “

L. G. S.: “muito tempo ruim, é o tempo que tá ruim. Camarão tem bastante. Camarão tem, mais só que o camarão bom nunca assenta no fundo. Camarão que é mais ruim, ele bóia tudo, ele num afunda, ele fica boiado, então num dá nada né? O mar só fica grosso, grosso, grosso, tempo ruim, o camarão nunca assenta.

L. G. S.: “o mar tá manso assim hoje, aí começa a marola, começa mar ruim, o vento aí num... o peixe que tá no fundo mexe tudo, a água tá leste, daqui a pouco já tá ao sul, então não se apara nada né? A pescaria ta ficando difícil porque disso também. Mas se dé tempo bom vai dá camarão aí pra nós. O mar tem que ta manso né? Mar ruim já num presta.”

L. G. S.: “ah eu penso, se Deus quisé, daqui pra frente, já tô... Deus me deu esse barco né? E daqui pra frente, segui em frente né? Consegui as coisa pros filho e... se Deus quisé melhora né? ... a pesca... “

L. G. S.: “cada vez mais tá ficando mais difícil né? Pra todo mundo né? Não só como pá pesca como pá, pá... serviços internos. Ta faicando mais difícil, agora vamu vê, se Deus quisé melhorá. Como eu tava falando procê, qui é uma área proibida tamém, num tem mais porque a turma ta pescando porque ninguém vai passá fome, né? ...É porque fecharam a pesca aqui no lugar né? Então... cada vez mais vai ficando difícil porque... todos pescador tem família né? Se ninguém for pescá... se pegá vai fazê o quê? Vai pegá ué. Igual... eu num vô ficá a semana toda parada. Tem multa é... o problema é isso, tem qui pagá multa, vai algemado ainda, vai algemado... o problema é esse, qui nós tava conversando aqui. É... se ta gravando tudo agora, eu vô falá né? Falá a verdade. Cada vez mais ta ficando mais difícil, até falei lá cum um senhor lá na boca da barra. Quando nós ta pescando, nós num ta robando nada de ninguém gente... ta robando nada de ninguém... Deus deu aquilo pá nós trabalhá. O homem fez a lei vai fazê o quê? Nós.... se pegá... eu falei pá minha mulhé... se pegá, fazê o quê? É por Deus mesmo ué! Vô dexá meus filho passá fome? Se eu for robá eu vô preso, claro né? Então, fazê o quê? É pescá né? Vô fazê o quê? Se pega... por Deus né? Se Deus num deixá pegá, num vai deixá né? E é isso que... pretendo que eles... quebre um pouco essa lei né? Quebra a lei assim... igual que aqui na Enseada ta certo, pode fechá. Aí é um lugar pá fecha, mas só que eles tão fechando em lugar que num cria camarão. Enseada é aqui na frente é, aqui tem que fechá, ta certo. Aqui eles deviam jogá um bocado de entulho mesmo. O camarão cria ali. Devia jogá bastante entulho ali pá ninguém pescá. Só que lá pro lado do sul é lugar aberto, ninguém... lá num cria camarão, pro lado de Boiçucanga prá lá. Lá num cria

ANEXO II – Entrevistas (cont.)

camarão, num é criador de camarão. Criador de camarão é aqui. Aqui cria camarão. Lá é lugar de... é mar aberto então... é beira de praia só que ali passa muita correnteza de maré né, aqui já num passa. Leva. O camarão nunca pára ali. O camarão quando ta ali já ta em outro lugar. Aqui não, o camarão aqui ele cria ele num sai daí. Ele num vai lá pá fora. O pessoal vem pegá aí. O camarão ele num vai lá pá fora no Jabaquara. Ele só fica aí. Ele se cria aí. Ele morre aí memo. O camarão, ele se cria aí e se ninguém pegá ele vai morrê ali memo. É assim. Vamo vê, se Deus quisé melhorá, mais vai fazê o quê? Se ficá assim, vai te que ficá assim, né? Mais, a gente num pode fazê nada.”

L. G. S.: “aconteceu isso comigo, assim como aqueles que tão pescando ali naquela hora né? Mais... ele num vão. De noite eles ta difícil eles í. Eles num tem, num tem... o pessoal sai à noite, porque num pode, de dia nem pensá. De dia, eles nem tão saindo de dia, se ce qué sabê direito. Ce pode ta arrastando lá agora, se eles num for, eles num pega. Se pgá... De dia já é abusado né? Já é um abuso já demais. De noite até que... porque... fazê o quê? Num tem outra solução. Num tem camarão mais onde ta proibido. Já era, cabo tudo. Então agora tem que espera criá de novo. Junta de novo né? Mais lá num junta sabe porquê? É muito barco. Passa pra lá, passa pra cá, toda noite. Então aquele fundo se mexe, ficá remolido... então, num adianta. Num tem amis camarão. Qui nem, hoje eu peguei 15 kilo de camarão. Num dá nem isso. Antes, onde tava proibido pegava 100 kilos. Agora pega 15. Ta ruim, ta ficando difícil porque é muito barco né? O pessoal num tem outra solução pra í. Num tem onde saí mais. O único lugar é aí.”

L. G. S.: “vai fazê mais de 5 anos que eles falam que vão acabá e ate agora num acabô. Se o tempo tivesse sol, tinha camarão. Lá fora. Mas num tem porque o sol ta ruim né? Porque se não tinha bastante camarão. O mar só fica grosso, grosso, grosso. Aí vira pra lá, vira pra cá. Então num dá nada né?”

QUAL O SIGNIFICADO DA NATUREZA PARA VOCÊ?

L. C. C. S.: “pra mim é tudo né? Tudo, tudo, tudo mesmo. Todo sentido né? Que a natureza... se não fosse ela, acho que a gente num taria aqui. Eu pesno assim né? Já penso nós sem árvore, sem os peixe, sem o mar? Não existiria nada, né? Eu penso, né? Posso ta errada, mais num sei. Então... até falando né? Já que você... falando sobre a proibição da pesca aqui na beira aqui como está proibido, né? Graças a Deus nós tamo fazendo muita gente contra, querendo abri né? É... eu sofro muito por dentro por a maioria dos pescadores que não pensa no amanhã da gente né? Que eu sô mãe, tenho 4 filhos homens, ta muito difícil de terem emprego, tê um serviço né? E eu sustentei os meu filho até hoje, graças a Deus, com a pescaria daqui da frente, né? E agora. Por ta fechada a pescaria aqui, antes de fecha, é... num tinha peixe mais nenhum aqui. Colocava a rede lá, além de sumi a rede, num tinha peixe. Num dava mais pra sustentá os nosso filho. De jeito nenhum. Agora não. Graças a Deus! Se pode colocá a rede ali, como eu pescava antes, está vindo pexes mesmo. Graças a Deus! E os pescadores que são mais ambiciosos, qui pensa que é

ANEXO II – Entrevistas (cont.)

só hoje que eles vão, vão comê hoje, amanhã eles num vão, eles num tão nem aí. Eles tão vindo de madrugada aí. Muitas vezes, mas nem de madrugada. Sai a flor do dia assim e ainda goza da cara da gente. Sabe, desafiando a gente e as autoridade num toma providência. Isso me dói muito mesmo sabe? Porque se a gente for dá a cara a tapa, o prejudicado vai sê eu mesmo, né? Porque primeiro sô mulher, segundo aquele ditado “ a mulher fala muito”, né? Então... eles num vêem a dor da gente qui amanhã... sabe? Eles num tem esse raciocínio, falá não, vô dexá pra depois de amanhã, né? Deixa lá ele quietinho que depois... eles num tem esse raciocínio. Eles querem pegá hoje, eles querem enchê o dinheiro no bolso hoje. Então isso me dói muito mesmo, sabe? Então... se tivesse, pelo amor de Deus, alguma coisa pra fazê pra eles se afastarem daqui... nossa... que maravilha meu Deus do céu! Seria muito bom mesmo. Mais consciência. Ah sim, mas eles não tem, infelizmente! Não tem mesmo, sabe... é... é 10 luta prá, prá ficá aqui e um só que ficá sabe? Ce pode fazê uma reunião assim com 100 pescadores, todos como o Luciano, todos eles vão robá camarão aqui. Eu sinto muito mesmo com esses negócio. Então isso aí eu acho que é natureza. Sabe? Porque se eles vão aqui destruí o pouco que tinha, porque antes, a gente chegava com a varinha aqui assim ó, te juro, pegava. Conversa, pergunta pra Leninha pra você vê. A Leninha, o pai dela, o tio, num é? Hoje em dia vai lá pra você vê. Graças a Deus ta voltando! Graças a Deus ta voltando, sabe?! Isso é natureza! Porque que eu vô ali enche um caminhão de peixe ali, meu Deus do céu? Pra quê isso? Num é? Então, pra quê isso? Num é mais legal eu í lá, colocá a redinha, eu pegá 10, 20 curvina ou 1 bagre, 1 peixe, chegá aqui eu vendo ou dô pros meu filho. Sabe? Matá, rico eu acho qui... sabe, a gente num vai ficá meu Deus, mas a gente vai salvá é... matá a fome dos filho, não só isso, vai tê mais as condições prá gente. Eles num pensam dessa maneira. Sabe? Infelizmente... ó eu sô caiçara nascida e criada em Caraguá, sabe? Os meu filho também são, os meus pais, tudo. E eu tenho, eu tenho muito medo disso. De amanhã acabá com tudo. Tenho medo não, é o que eles querem que aconteça. E eu tenho muito medo disso.”

QUAL O SIGNIFICADO DO MAR PARA VOCÊ?

L. C. C. S.: "O mar é tudo. Então, é isso que eu to falando então. É... então, o mar pra mim é a coisa mais linda do mundo né? É maravilhoso, você já foi no mar ou não? Já? É uma delícia, não é? Você í assim, inda mais quando você tá hiper estressada, ce í num barco, ficá lá assim sabe, aquele.... eu acho que num tem coisa mais gostosa do mundo. Não existe, não existe mesmo. Você sai, vai... aquelas ondas, golfinho, os peixe, você vê aquele cardume de peixe... Maravilhoso, muito bom mesmo. Eu acho isso aí a natureza. Né? Eu acho que num tem muito qui falá, tem mais é qui senti, né?"

L. C. C. S.: "É difícil de explicá, é difícil de explicá, é difícil mesmo, porque eu acho qui isso aí é... como paladar né? A gente tem que senti. Você tem o seu, eu tenho o meu, né? Mas é... é uma coisa divina, é uma coisa maravilhosa. É muito perigoso, muito perigoso mesmo. O mar né? Se tá falando do mar, né? É muito perigoso

ANEXO II – Entrevistas (cont.)

porque a gente não pode abusá, né? Não pode abusá. É uma coisa assim... é de Deus, num é? Então, quando você está lá assim... e você abusa é... pode não voltá pra casa né? Então que... é traiçoeiro o mar, né? Num sei como falá pra você!”

L. C. C. S.: “assim né? Você sai né? E... como agora no tempo que tá agora, né? Tem muitos que num tão nem aí, num conhecem, num sabe o que possa acontecê, né? Então, como eu mesmo, particularmente eu não conheço direito. Não conheço direito, mais meu marido conhece, né? Então vamo supor... vai e sai, né? Vai pro mar né? Aí chega lá, de repente dá aquela virada no tempo, né? E você não sabê como safá, corre pá trás de uma ilha, ce pode tê certeza qui ce tá, como é? Na mão de Pedro como diz os pescador. Porque Pedro, é que vai morrê né? Então, é difícil mesmo, porque vira. Eu já passei já um apuro muito grande no mar. Já, já passei um apuro muito grande mesmo, que eu fiquei muito tempo... que daí é pra onde eu fui pescá na beira da praia e num fui mais pro mar. Marcô profundamente mesmo. Eu pescava camarão, né, em alto mar né? Aí saímos. Tava um tempo maravilhoso e o meu ex-marido, ele tinha acabado de pegá umas rede e nós tava passando muita dificuldade. Fomo pro mar. Chego lá, colocamo as rede, tudo, né, é... rede de espera, né. Colocamo a rede e ficamo lá, assim... amarramo na proa do barco. Ficamo lá esperando, né, o pescado, né. Quando de repente nós acabamos de colocá a rede, o mar virô. Viro, aí menina.... nossa senhora aparecida. Aí todo mundo indo embora e ele não queria cortá a rede que era rede novinha. Olha, eu passei um apuro mesmo, incontrolável. O barco, não... tava pra virá. Aí bateu o desespero porque eu pescava com meu menino de 2 anos. Bateu o desespero, né? O pequenininho meu ficô vomitando, a gente tinha que tirá a rede, né, porque ele não queria cortá o cabo, de jeito nenhum pá num perdê a rede. Olha, passei um sufoco que nossa senhora. Mas eu passei que eu jurei que eu nunca mais colocava o pé no barco. Nunca mais coloquei mesmo. Agora sim, agora eu vô. Agora eu vô porque ele viu assim, a tal coisa como ele fala, falô assim: a nossa vida não tem dinheiro que pague, agora a rede não, a rede deixa. Agora o outro já num pensava assim. O outro pensava que a rede era a vida dele né. Mais nunca mais também... aí foi onde que eu aprendi. De um ponto foi até bom porque eu num sabia pescá em terra, né. De um ponto foi até bom que me ensinô a sobrevivência, né, e aprendi, aprendi mais, muito mais mesmo. Graças a Deus. E você? O que você acha da Natureza?”

QUAL O SIGNIFICADO DA NATUREZA PARA VOCÊ?

W. P.: “pra mim, eu, eu convivo direto com a natureza né. Eu... que nem... eu vô ... que nem... pôxa vida... eu... não sei nem como dizê pra você! Ah, sei lá, ela tem um significado muito importante pra mim porque eu convivo direto com Lea. Eu vô pro mar, que nem, eu já... esse dia eu afundei o barco, eu fiquei 4 hora, 4 hora não, acho que foi 8 hora no mar prá tentá tirá o motor, tirá o coiso que o mar tava muito agitado, entende? Então, é.... sei lá, essa convivência que eu, que eu tenho com a natureza eu falo mais me referindo ao mar, né. Eu convivo com ela direto, eu sei... é... olhando, eu já sei como ela ta. Eu... Que nem, a maré. Que nem, agora a maré, né, tá sul eu sei... ela é maré muita baixa e tal, ce entende? Então eu... pôxa vida, num

ANEXO II – Entrevistas (cont.)

sei nem como falá procê mais... sabe, às vezes, a gente conversando assim fica meio difícil de falá procê viu? Que eu convivo direto com ela e... ó, eu passo mais tempo no mar, convivendo com o mar, do que na minha posição, no meu trabalho. É... todo dia eu saio 5, 5 e meia da manhã, vô pro mar, retorno, ce entende? Então é essa convivência aí com a natureza, é isso aí. Direto no mar, vivendo. E é... tem dia que ce tem que descê, qui nem, o barco num passá, ce tem qui descê, ce faz o maior exercício pá levá o caminho ao barco tal. Então, é, é essa a minha convivência com o mar.

QUAL O SIGNIFICADO DO MAR PARA VOCÊ?

W. P.: “ó pra mim é a maior gratificação sabia? É uma gratificação por tudo que ele, que ela me oferece, né, de bom. Eu vô lá, eu pego os peixe lá, tal, e a gente num, num retribui nada pra ela. A gente só vai lá, retira, retira, retira e num... então, pô, eu só tenho é qui agradecê tudo isso, essa forma de... entende? Talvez eu não esteja sabendo me expressá pra você. É uma pergunta difícil de fazê. Fica difícil viu? De falá pra você. Realmente é difícil ce explicá o seu sentimento que ce tem. É a mesma coisa que ce tem um sentimento pela sua esposa que você sabe expressá prá ela o que você tem. Talvez eu num saiba, não esteja sabendo expressá pra você da forma que ela me...

W. P.: “é realmente.... Ó, tanto é que a gente tenta preservá isso o máximo que a gente tem. Mas às vezes a gente encontra um... uma certa resistência, ce entende? A gente luta pela aquela causa, mais... você que às vezes você num tá sendo recompensado. Ce ta tentando, por tudo que ela te dá ce ta tentando retribuí. Ce ajuda né? Você faiz, preserva, limpa o mar. Eu, por exemplo, se tem uma forma de de agradecê pela natureza é o seguinte. Quando eu encontro um plástico no mar, eu trago. Essa é minha forma talvez de agradecê. Ce entende? Eu pego um plástico lá, eu trago tudo que eu encontro de diferente, que num é da natureza, eu trago. Ce entende? É difícil, muitas vezes eu cato mais lixo lá no mar do que a gente mesmo fazendo a limpeza aí. Então essa é uma forma acho que d'eu retribuí pra ela tudo que ela me dá. Entende? Porque ó, tem sujeira nesse mar. Tem bastante sujeira, mas só que é difícil. É difícil porque ce num encontra uma... ninguém ajuda você. Então acho que é uma forma d'eu retribui né? E... sei lá, num sei.

COMO VOCÊ TEM CONTATO COM A NATUREZA?

W. P.: “não, não é só por meio da pesca não. Eu gosto muito de andá no Matão aí. Que nem amanhã, um amigo meu veio me chamá pra gente í lá pro sítio, né. Então, ce anda no sítio assim, ce fica observando lá aquelas árvores, os rios, as nascentes, assim ó... Que nem , um riozão desse aí. Se o ce vê as nascente, é um fiozinho, é um fiozinho. Então junta tudo, ce vê, são vários fiozinhos, várias veias, né, pra chegá num único curso que é esse daqui. Então ó, eu vô sempre pro mato, eu vô... eu vô mais pro mar do que pro mato. Ce vê cada tronco assim, inclusive minha irmã, eu falei pra ela: pô lá tem uma madeira que caiu, que o vento derrubou... se a gente

ANEXO II – Entrevistas (cont.)

conseguisse uma autorização pra pegá e fazê uma canoa disso aí, porque a árvore ó, acho que 10 homem num abraça ela não. Se a gente pega assim, junto os nossos (braços), num dá. Então, e... que nem lá no mato. A gente vê que o pessoal usa aquelas garrafa pet de refrigerante e joga assim no mar, ce vê. Isso daí é, num destrói, é difícil de (degradar). Então é difícil. E outra coisa. Ce nota aí também os turista, os cara que tem dinheiro tão destruindo tudinho a nossa Ilhabela aí. E oce vê o dinheiro. Quem tem dinheiro hoje em dia consegue fazê tudo que que e nós num... Ce sabe que se o caiçara que na verdade é dono disso aqui quisé construí um barraco na Ilhabela lá, qualqué cantinho lá pra... num consegue. Então a gente... fica difícil.

QUAL O SIGNIFICADO DO MAR PARA VOCÊ?

W. P.: “o papel do mar.... é.... bem dizê, tudo que eu tenho eu consegui de lá, eu tirei de lá. Eu tirei do mar e já sofri muito nesse mar sabia? Já, porque... o barco já virou várias vezes. Por várias vezes se a gente num, num... a pessoa que... que nem, pô, eu já virei o barco lá, se num, se você não tem uma certa resistência, num sabe nadá, porque tem caiçara que num sabe nadá, ce morre, eu ia morrer. Teve uma vez que eu fui armá a rede, o mar tão bravo que as rede caíram tudo sobre mim. Se fosse uma rede dessa aqui eu taria morto porque eu num conseguiria arreventá uma rede dessa. Agora é que a rede era fina então eu consegui, eu fiz assim ó, aí rasgô tudo as rede. Então, tudo que eu tenho, é... isso aqui, aquilo ali, o... é tudo que eu consegui, tirei de lá. Ce entende? Então, apesar de ter outra função, mas tudo que eu tenho e tô ensinando tudo pro meu filho. Tô tentando ensiná tudo pra ele. Eles num... a criançada de hoje ta indo, sabe, prum outro lado, prum outro lado que... Se eu conseguisse, se eu conseguir mantê meu filho nesse coiso, é muito bom porque o outro lado lá a gente vê que tá, ta difícil... ta difícil. Então, eu... tudo que eu tenho, eu tirei de lá. E ce vê, a gente tira tanto de lá, e a gente não põe nada lá pro outro lado. A gente só ta é degradando aquilo lá. É... inclusive eu e o pessoal a gente ta tentando e já foi aprovado né, no congresso e tal, pro pessoal num pescá na linha de 23 metros. Só que é o seguinte. O pessoal num tá abusando. Que nem ó, minha rede fico lá essa noite lá, já cortaram minha rede. Lá tem menos de 5 metros de fundura. Já, qué dizê, às vezes ce põe a rede de propósito pra sabê se tem alguém arrastando, e tem. Então o pessoal num respeita. ENTÃO NÃO FOI O IBAMA QUE FOI LÁ CORTÁ? Não, o Ibama num faz isso. Quem faz é o próprio pescador que na área que num pode, a área de proteção. E eles tão destruindo lá, mas... E é pescador tudo amigo da gente memo, tudo amigo da gente. Então eu vô falá uma coisa. Tudo... só que é uma pescaria é... a vida de pescador é vida muito sofrida. É sofrido porque, eu vô falá uma coisa procê, ó... ce já começa, por exemplo, você. Eu pego o peixe, ce vai comprá. Se ce for uma pessoa que chora, ce vai falá: pô, mais isso aqui é fácil, é só armá a rede lá e pegá. Num é. Porque o peixe, ele tem um ciclo. Você, por exemplo, ce põe a rede hoje aqui. Ce vê a posição da maré, tudo, ce vê, ce já sabe onde tá o peixe. Agora, tem pessoas que pensa que é só chegá e armá. Num é assim. Pô, quantas vezes eu armava a rede lá e ficava lá, num pegava nada. Mas memo assim, minha vó sempre falo: você num planto nada lá, você ta colhendo.

ANEXO II – Entrevistas (cont.)

Na verdade é isso. Ce num planta nada lá e ce tá colhendo. Então, se ce planta alguma coisa, ce tem o direito de í lá e colhê, más num plantei. Então eu num, num fico com raiva disso. Eu tenho sempre que agradecê pra Deus por tudo isso aí. Se Ele me dé um peixe, eu já fico contente. Então eu, a gente tem que agradecê a Deus por tudo. Se me dé, beleza, se num me dé também... Num é que nem o serviço, né, você ta trabalhando num serviço, ce sabe que todo mês, ce tem. Agora, o pescador tem dia que vai lá e é só prejuízo.... prejuízo, prejuízo. Quando pega, o pescador fica dando risada sozinho, mas quando num pega... é difícil. Então, é muito bom. Ó, eu vô falá uma coisa pra você. Eu, que nem meus filho fala... ce ta nervoso, vai pescá. E realmente, você vai pescá, você chega em casa ó, ta tudo legal, parece que ce, sei lá, ce ganhô um prêmio. Eu, eu fico... ó meu menino, ele ta vindo aí ó. Esse aí, to ensinando ele a pescá. Ele, ele ta aprendendo, mas... TEM QUANTOS ANOS ELE? Tem 10. E ele vai ó, num sabia tirá o peixe. S´que, eu vô falá uma coisa. Que nem ó, onti levei uma, uma cutucada de arraia aqui. Arraia eu vô fala´uma coisa pá senhora, é terrível. Uma veiz... essa daqui... é que ela... ela menstrua que nem mulher. Ela menstrua que nem mulher. Ela... levei uma cutucada de uma arraia menstruada... vô fala´uma coisa pá senhora... fico 13 hora doendo sem parar. Ó, é uma dor, é uma dor diferente de tudo. Ela tem um rabo aqui, a parte traseira né. Ela faz assim ó. Ela quando vai cutucá, ela pega você, ela dá a cutucada assim, então o esporão não faiz assim pá trás, ela é prá frente. Enfinca. Ó, e essa daqui, ela já tava quebrada. Me deu um arranhão aqui. Primeira vez que eu levei uma cutucada, foi 13 hora doendo sem parar. Começa assim, tipo assim, uma marteladinha de uma grama e vai aumentando. Quando no final, parecia que era uma marreta de 200 kilos. Mais é uma dor... eu falava pra minha mulher assim ó: a única coisa que eu quero é que não conversem comigo, deixa eu quietinho aqui, não fui pro médico. Vô falá uma coisa pá senhora. Ce sabe o que a gente fazia antigamente pá sabê se o sangue da gente tava bom? Comia arraia. Porque é o seguinte ó. Ele solta um monte de coisa vermelha assim, tipo de umas bola. No sangue. Aí eu vô falá uma coisa pá senhora, limpava todinho... o sangue, da gente. Ce tava beleza. Então antigamente, que nem, hoje em dia, qualqué coisinha a gente vai pro médico né. Ah, hoje em dia eu só vô no médico memo se não tive condição. Mais dependendo disso, a gente vai aqui ó, na lateral do terreno aqui ó, tem remédio pá gente tudo. A gente já sabe... meus menino memo, é tudo assim ó. Só quando a gente vê que não tem jeito. Mais, fora disso, dor de barriga, febre, essas coisa... nós vai no médico? Vai nada. SABE TODOS OS SIGNIFICADOS DAS PLANTAS AQUI? Eu sei, aprendi tudo ca minha avó. Tudinho, tudinho, tudinho. Quando num tem aqui, vô lá naquele mato. Ó ela fala: menino, vai lá e pega isso aqui pra mim. Vô, mais num sei. Ó, aí ela me dava uma amostra. Eu ia lá... ah, é esse memo. Fazia ó. Se ce pro médico, ce arruma doença. Ce num tem, mas isso ele te arruma. Então... meu pai. Meu pai tem 68 ano, sabe quantas vezes ele foi no médico? TEU PAI É PESCADOR TAMBÉM? Ele já foi. 2 vezes ele foi no médico. Foi porque nós insistimo. Ele caiu numa escada aí, mais num é que... problema de... sério, esse tipo de coisa. Porque é, ele fala e é verdade: ce vai pro médico, na idade que ele tá, que que o médico vai falá? Faz exame de sangue, exame disso. Ele não tem problema mais ele já fica com aquilo na cabeça e vai arrumá problema. Então num vô não. Eu, a mema coisa. To cum uma dor na coluna

ANEXO II – Entrevistas (cont.)

aqui, faz tempo. Num vô pro médico não, continuo fazendo a mesma coisa. Porque eu sei que é pegá peso. Chega até meus pé, a ponta dos meu pé ficá adormecido. Mais eu num peço arrego não. Continuo... É... hoje em dia esse negócio de médico é coisa de gente moderna. Ah, a minha mãe. Minha mãe tem a mentalidade moderna. Qualqué ai, uma dor aqui, meu pai já tem que levá pro médico. Tudo ela vai pro médico. Tudo, tudo. Falei: mãe ó... qualqué hora a senhora vai lá pu Indaiá... Falô prá ela que o Indaiá é o cemitério né. Qualqué hora a senhora vai pu Indaiá lá. A senhora fica aí, cheia de dor aí. O médico já mandô... pra extraí um dente, o médico mando ela fazê exame de sangue, mandô fazê... como é que é o nome lá? É... a esteira, mandô... pá arrancá um dente? É loco. Sabe como a minha avó arrancava dente antigamente? Com fumo. Ce sabia disso? Passava o fumo na gengiva aqui, pronto. Amolecia, ela puxava o dente. Sabia disso? É... é... Ih, ela fala assim: que médico nada. Passava o fumo aqui, hã, o dente caía. Hoje em dia, o pessoal num acredita nisso se a gente for falá. Morreu cum 89. Ce sabe que nós, nós aqui ó. Num sei quantos anos ce tem, mais nós num güenta chegá nos 70, nos 80 não. Güenta? Sabe por quê? Nós comemo muita porcaria hoje em dia. Tudo é congelado. Ó, a gente, a gente tenta mantê o padrão. Ó, eu num como peixe congelado. O meu peixe se eu tivê que comê é aquele que chega do mar agora. Chego, já faço um filé e como. Mais peixe congelado... Fico mais que um dia na geladeira, eu num como. Num como. Camarão? Eu num como. Só o camarão que eu pego. Sabe por quê? Eles, como é, colocam aquele sulfite, sulfite, é um pozinho que parece um talco. Aquilo lá é cancerígeno, ce entende? É conservante. É um pozinho que eles põe no camarão. Só que eu vô falá uma coisa pá senhora: eu num como. A minha mulher que... que vende os peixe lá eu falo que ela compra os camarão, né, que eu num quero. Tem aquele pozinho? Ah, tem. Então, num quero. Não quero, num como. Peixe, fico mais que um dia na geladeira. Vocês num sabem disso. Ó, que nem a, essa minha amiga. Ela é engenheira de laticínios, de alimentos. Ela falô assim ó: ce vocês soubessem como é feito a salsicha. Ela falo que se vocês soubesse como é feito aquilo, num comeria. Ó, os frango de hoje. Ce pode comê um frango caseiro e um frango desse aí. Até o osso é mole... desses aí. Come um frango desse aí. O osso é duro, ce num consegue quebrá uma canela no dente. É verdade ou num é? Então... Ó, aqui a gente plantava antes mandioca, tudo. Aqui, ó, onde era a minha casa, tinha mandioca, abóbora, tudo a gente plantava aqui. Hoje em dia ce num tem nem mais espaço mais prá plantá isso. Eu quando quero uma banana boa, vô lá no meu sítio lá. Pego lá que eu sei que é natural memo. Até essas banana de hoje são forçada. Eles colocam aquele carbureto, né. Fica umas banana bonita e ce corta, é dois dia a banana ta madura, banana tá madura. Então, é assim memo. Ce acha que isso num é forçá a natureza? Então... peixe seco, a gente memo que faiz, aqui. Então, que nem ó, os bacalhau ce sabe o que que é que eles põe pá ficá amarelinho? Ó o peixe ta gordo, ta bonito! Eles põe aquele, aquele tempero ali que é amarelinho, como é que chama? É que nem coloral. É um amarelinho. Açafrão. Ce sabe que eles põe açafrão pra ficá daquele jeito. Ah, o peixe ta bonito! Num é o natural. Isso só percebe quem lida com a natureza... Quem lida com a natureza, então... Se você num... Eu... A minha ma~e quando ela qué peixe aqui a gente memo que fala pra ela. Tainha, tal. Vai lá, abre o peixe. Põe no sol aí ó. Inclusive a

ANEXO II – Entrevistas (cont.)

vizinhança quando qué comê um peixe, o peixe táí, eles passa aí e leva. Outro dia eu peguei a mão aqui um, peguei um aqui no meu peixe aqui, mas era minha prima. Não pode levá. Eles passa no muro e pega. Então ó, olha, se eu pudesse, eu viveria mais em contato com o mar e com a natureza. Eu falei pa´mulher aqui ó: vô vê se, esse daí, esse daí não. A gente qué futuramente pô na faculdade. A gente vê que num gosta de estudo não. Agora a menininha... Não, num gosta não. Agora, se ocê chega e fala pra ele: vamo pescá... Qualqué hora. Vai, já ta lá. Agora, a menina? Eu já falei pra pra Júlia, a menina nós vamo lutá que essa aí a gente vê que ela.. ce entende. Ela tem 6. Mais esse aí... humm. Ó. Nós colocamo ele numa escola boa né, no objetivo. Falei: pô, dá uma força pá nós,né, pelo menos. Fico lá do... desda dos primeiros anos até a 3ª série lá, mais a gente vê que ele num qué, num tem interesse. Agora, na pescaria... ele manja hein! Já ta manjando bem já. Ta manjando bem. É... então agora, a minha menina eu vô vê o que que ela qué escolhê e... Até porque hoje em dia, ocê vê. Quem tem estudo, tá difícil. Pra quem num tem então... Então... olha, que nem eu. Eu vô sê sincero, eu num... Ele é que nem eu, eu nunca gostei, eu fiz o necessário só. E... agora a minha irmã... Eu queria tê um poço da força de vontade que ela tem. Ela é estudiosa. Essa aí... essa aí ela foi... eu acho que ela chego no último estágio lá da faculdae, terminô tudo. E aundo tem congresso ela vai. Aonde tem , ela vai. Eu num tenho essa... sabe? Agora, se ce chega e fala: vamo pescá? Bora eu vô. Pode sê qualqué hora. O tempo dá dando pra saí, eu vô. Ce sabe que o que ce ta fazendo, se você tivesse um poço de amizade e tempo... pro ce í lá na Ilhabela. Conversá com os caiçara. Aqueles são os verdadeiros caiçara. Por quê? Ah, porque se oce vê como é que eles fazem... Até pra saí do mar. Porque eles fazem assim... O trilho que eles fazem em cima da pedra pá pá subi o barco lá em cima da pedra quando o mar tá tá feio, tá brabo, né. Como é que eles fazem. Ce pode vê lá. Num tem um caiçara gordo. De tanto exercício que faiz. Num precisa é, nada. Ce pode vê. Ce num vê um caiçara barrigudo. A natureza é saúde porque ó... Olha. Que nem eu. Toda hora ce cai na água. Num tem como num falá. Ó. Que nem hoje cedo. Era 6 hora já tava caindo na água. Ce vai ó. É... eu ainda tô porque faz, parei uns dia aí porque... to trabalhando lá na costa, então direto num dá nem tempo pra pescá. Essa semana eu fui agora semana vō começá tudo de novo. Mais ce cai na água, ce faiz um exercício na perna do caramba lá. Ce anda mais de 1 km pá tirá o barco. Aí chega lá é... que nem meu filho. Aprendi, ensinei a ele nadá sabe como? Andava com o barco daqui, uns 50 metros. Jogava ele lá, falava: se vira, chega aqui. Aí foi indo. Aí eu via que dava pé, né. Mais sempre ficava ali e coisa. Se vira. Aí ó, aprendeu a nadá. E ele nada! Esses dias, eu falei pra ele: cai aqui, vô te esperá lá na frente, hein. Num vô vim atrás não. Aí ele foi indo, os cara fica danado: pô, ce é loca, ce vai matá seu moleque. Falei: não, eu aprendi assim! Sabe como eu aprendi a nadá? Eu tinha, né, tinha uns 5 ano. Aí chegava na hora... minha mãe: ah, vamo tomá banho! Ah, e num tinha chuveiro, tinha nada, era na bacia. Eu ia lá pro rio lá. E nadava assim, assim que fazia. Sozinho. Ó, ensinei minha irmã, ensinei minha prima, à nadá. Ce vê, ó, a gente de primeiro fica brincando de esconde-esconde no rio. Então ce tinha que tê, nadá, porque a gente nadava assim. Ia lá, ce tinha um fôlego assim nadando. Atravessava o rio no mergulho. Hoje em dia eu num consigo. Num consigo porque ce você pará de fazê exercício, seu corpo... né? Mais... a gente

ANEXO II – Entrevistas (cont.)

faz... e nada, nada bastante. Eu mergulhava né. Eu praticava pesca submarina, então ce tinha que, ce andava às veiz mais de 3 km, assim ó, só mexendo com a ponta dos pé só. Ce só ia assim só. Num mexia nem o braço. Só ia com aponta dos pé ce ia, ce virava pro lado da Ilhabela. MAS CUM CELINDRO? Não. Eu num uso essas coisa. Eu acho que é covardia. É a mesma coisa que eu entrá na casa da senhora e pegá a senhora lá. Eu to dentro da sua casa e o peixe é isso aí ó. Eu ia no peito. Tanto é que eu perdi a minha audição. Hoje em dia eu... Perdi minha audição no mergulho. Perdi por causa de uma garoupa. Eu vi, eu fui, porque ce olhando assim ó, ela tava lá, uns 15 metro. Aí olhando, eu vi a posição, aí eu fui. Eufui só que eu não fiz a compensação né. Ce faiz a compensação no nariz, né. Aí ce vê aquelas bolinha... Estorô. Desde esse dia, nunca mais. Esse aqui eu vô ensiná ele a mergulhá. E é gostoso hein. Ce sabe, o melhor local, é.... lugar e coisa, é o mar pra você. Ce mexe com toda parte do corpo. Mexe com o braço, mexe com a perna, você mexe com o abdome. Então... Agora, tem um velhinho nosso amigo lá, ele tem 60 anos. Olha, por aqui num tem. 30 metro, 35 metro, ele chega no peito. Num usa coisa, ele acha covardia. Ce sabe que ele mantém os filho dele, manteve já, já terminô... um fez direito parece, o outro, a a filha dele fez Educação Física... tudo pescando. Manteve tudo pescando. Ó. O veinho dá um show. Que nem esse moleque, oce vê, eu falo pra ele, ele tem que fazê exercício, ele num faz. Falá uma coisa, tá ficando barrigudo. E então ce vê, o veinho tem até dobra na barriga. É.... eu falo pra lê ó, porque ocê já viu? Isso passa na televisão direto, a molecada de hoje, eles tão ficando muito obeso. Por quê? Eles não se cuida, não se cuida e come muita porcaria. É miojo, é essas coisa aí. Miojo eu falei pra eles, num deve comê, mais...”

W. P.: “tem catá o caranguejo cabeludo. Ce conhece o caranguejo cabeludo? É um caranguejo que o pessoal... Você já foi em Santos? Então, num sei se a senhora vê aquelas fileira de camarão, então, é daqueles caranguejo lá. Então na época do, de dezembro, eles tão tudo acasalando. Eles cumeçam a brigá. Um sai da toca e cumeça... a senhora pega assim ó, pega de penca e joga dentro do cesto que eles começa a corrê. Só que é o seguinte, é um exercício danado que tem que fazê. Ce anda assim daqui a pouco ce atola. E ce tem que enfiá a mão no buraco. Quando ele tá difícil de pegá, ce enfia a mão até aqui ó. E quando a gente encontra cobra dentro do buraco... tem até a foto né Renã? Vai lá e pega a foto pra mostra prá ela. Vô mostrá procê pra num dizê que eu to falando mentira. Ó. História de pescador. Acredite vocês se quiserem. Fui pescá cum uns amigo meu. Saímo daqui era umas 4 hora da tarde. Falei, vamo pescá. Vamos, nós precisamos distraí a cabeça. Bom vamo lá. Aí fui lá, armei minha rede. Chegando lá, eu falei assim: ó, ceis vão pescando que quando chegá ceis num pega mais nada. É gozação de amigo né. Aí quando eu cheguei, falei ó, tirei a ropa que tava tudo molhada, coloquei uma calça, uma blusa e fiquei lá. Aí to lá né. Ce fica pescando é olhando po tempo. Aí eu falei pra ele, ó, tem um siri. Porque é o seguinte, você sabe que peixe ta beliscando lá. Aí eu ficando assim né. Falei ó, tem um siri aqui beliscando minha linha. Aí eu falei assim, aí ce fica aqui... ce fica aqui cu dedo né, fica a linhada aqui. Falei, tem um siri aqui. Falei, ah, dexa o bichinho cume né, dexa o bichinho cume a isca. Aí beleza, aí fiquei lá. Daqui a pouco, falei pra ela, agora tem um peixe beliscando aqui. So que

ANEXO II – Entrevistas (cont.)

não deu pra identificá que peixe que era porque o pescadinho era bem pequenininho. Aí daqui a pouco eu vi que o peixe fazia assim ó. Ele, ele, por exemplo assim, tipo engolia, ele ia puxando. Num é como os outro que fica só beliscando. Aí, ferrei o bicho. Aí puxava. Só que o peixe tinha mais força que eu. Ele puxava e a linha era fina. Eu dava linha pra ele. Eu puxava 1 metro, ele puxava 4. Aí puxando. Daqui a pouco, depois de 40 minutos, consegui trazê esse peixe. Um pexão assim, 6 kilo. Olha o que que aconteceu. O peixe... o siri tava comendo a isca, o peixe foi comê o siri. Aí que aconteceu? Ferrei. Quando eu peguei o peixe, dentro da boca dele tinha 3 siri. Peixe guloso. Aí, aí eu caramba né! Peguei aquilo, até hoje o pessoal: pô, caiçara é mentiroso. Mais ó, os amigo meu que tava lá, viu isso aí. Deu 6 kilo o peixe.”

W. P.: “então é o seguinte. Pra você não afunda numa lama, você tem que controlá a respiração. O segredo ta na respiração. Se você ta indo assim, você solta a respiração, ce afunda memo. Isso aí eu aprendi com os meu primo lá em Santos. E você corre na lama! Ce num atola. Mais você tem que controlá na respiração. O segredo ta na respiração. Você vai agi normal mais só que é eu sei que é na respiração que você controla pra você num afundá. Que nem, se você solta, seu corpo fica mais pesado, num sei, é um negócio assim, é impressionante. Isso aí só gente que convive memo, que sabe que... mais o segredo ta na respiração. Então o segredo ta na respiração. Ó só. Olha só a cor da unha de um homem desse. Ó. Ele anda no meio dessa lama aí e eles num lava o pe. Eles tem preguiça de lavá o pé e fica coisa. Então... Antigamente era assim também. Andava nessa lama todinha aí, mais é gosto hein! Que nem eu vejo essa mulherada aí. Elas vão lá no banho de lama. Já tem natural.”

QUAL O SIGNIFICADO DA NATUREZA PARA VOCÊ?

A. M. A.: “prá mim é tudo, é a maneira de vivê. E eu penso a mesma coisa. Se Deus deu a produção, aí nós num vamo assuntá, num é verdade? Não jogá fora. Aí é pecado, né. Eu entendo... Então precisa aproveitá prá humanidade? É, tudo bem. Matá prá jogá fora, é pecado.”

A. M. A.: “a natureza num tem igual. É Deus no céu e ela na terra. Num tem, não é verdade? É então! Nós tamo aqui por causa da natureza. Se num fosse ela...”

A. M. A.: “ah, é tudo, é tudo. Não tem igual. É igual seu olho, não pode vendê, nem dá. É seu, prá você conservá. E quem que... a natureza prá você? Só aquele lá de cima. Só Deus.”

QUAL O SIGNIFICADO DO MAR PARA VOCÊ?

A. M. A.: “o mar? Ih, o mar é, por exemplo, é o sustento da vida né. Que cum o mar, se num tivé água, num tivé vento, num tive é chuva, num se vive. É parado. É parado tudo. Então tem que...”

ANEXO II – Entrevistas (cont.)

QUAL O SIGNIFICADO DA PESCA PARA VOCÊ?

A. M. A.: “ah, pescá é muito bom. Muito bom. Por quê? Num tem. Se diverte, é um lazer! É um perigo porque ... é um perigo, mas o negócio é, a gente tem que fazê o que gosta. Num é verdade? Quem num gosta num adianta. Vai fazê o quê? Mais eu num tenho que me queixa da pesca não. Não tenho não. Eu, ce sabe aqui ainda... pescá pá, não digo pá vendê, mas prá remediá a casa... O senhor sente falta? Ah, sinto. Eu sonho com a pesca. Nossa... O senhor pesca agora no rio aqui? Ah, eu vô no mar também. Eu tinha uns amigo. Eu tenho... Eu entendo de barco, sabe? Conheço do tempo, da natureza. Quando o homem fala lá, que vem a frente fria, ih.. eu falô sozinho até: demoro hein! Já viajei prá Santos, 4 ano e 8 mês. No tempo da companhia inglesa. Então, nunca peguei uma tempestade. Tive um barco de pesca também, pequeno. Andei por aí também. Nunca peguei. A turma dizia: ói. Digo, vambora. Ah, não, isso num é nada. Como num é nada? O tempo ta ameaçando, vambora. Antes de vim, o tempo dá sinal. Nunca é que nem aqui, de sopetão não. Agora no sul, com esses apareio, quando ta caindo lá eles tão anunciando tudo, sabe? Até eu também, se tive um apareio uso aqui ué, aqui tem oro, olha aí. Anuncio lá. Vem prá cá que tem oro aqui. ÀS VEZES ELES ERRAM TAMBÉM. Ah... mas erra! É mais sabe o que que acontece? Por exemplo... num ando aquele Jacque Costeau? Lembra daquele? É então. O homem memo estudava aquilo. E eu vi um negócio que num tinha uma máquina prá tirá um barco de pesca. O casamento do cação. Nem um pescador sabe disso aí. Eu vi! Sabe como ele faiz? Eu vô dá uma demonstração só. Aí, tempo de janeiro sabe? Tempo como dá trovoada, o mar fica meio parado sabe? Água quente. Então ela fica paradinha assim. E eu vi aquelas gralha alá. O barco tinha baixa rotação sabe? E andava bem mais, com o motor silencioso, sabe? Desliguei, ficô entre a Massaguaçu e o canal da Ilhabela. E eu vi aquelas gralha lá acho que uns 15 metro. Prá í, um campo de futebol. Então olhando assim, sabe, fica cercado e a cena que eles já combinaram fica no meio. A pequena deita, sabe, vira assim. E vira assim, e fica assim... e o outro lá, pro outro bicho não atacá, sabe, não desmanchá a festa fica ali no meio. Falei, puxa vida!”

A. M. A.: “vi um boto lá cor-de-rosa, num sei em que lugar foi lá, no Pantanal, num sei aonde é. Ouviu falá? Disse que tinha um boto cor-de-rosa. Aqui no litoral, aqui não tem. Eu tenho visto aí boto, saturninha, sabe. Boto memo, o boto memo é do tamanho dessa porta, sabe. Boto caderão que chama. Grandão mesmo, dessa grossura. AQUI TEM. Tem, num é pouco, tem muito. Aonde eu vi, lá em Cananéia. Eu pesquei através dos inglês aqui, depois fui lá prá Iguape, prá onde é a Ribeira do Iguape, sabe. Então, buscá banana pros inglês lá no sertão. E eu depois fui pro sul, lá prá Cananéia. Ela (fazendo dos ingleses) fechô. Ela tinha 2.500 pessoa, empregada, na fazenda. Era casamento toda semana. Coisa bonita. É! E eu não sei qualé o governador que tava governando... o presidente, quem que é? Em veiz de ajudá, ela tinha 70% de ajuda o que produziu o sítio, sabe. Mas aí, não teve ajuda. Cabô.”

ANEXO II – Entrevistas (cont.)

A. M. A.: “de primeiro eu entrava aqui, sabe depois desse... aqui? Mais ou meno? E vortava lá por Tinga. Hoje não. Aqui ta fechado, lá se a senhora quisé entrá nóis aqui, lá tem uma laticínio lá né, pá dentro. Que faz leite, tudo, ensaca leite, o pacote lá dentro. Então lá entre, é objeto de doação. E naquele tempo não, nem ligava. Era bonito. É, liberado! Ói, devia 1 centavo procê, pagavam.”

E A NATUREZA ANTES E AGORA, O QUE O SENHOR ACHA?

A. M. A.: “a natureza mudô. Agora ce pergunta: prá melhor ou pá pior? Mudo pá pior. Por quê? O vento que ventava aqui, não tem. Mudô o rumo. Tinha uma bença, num viu anti ontem aquele ventão assim? O normal era esse aí. Era 8 dia e 8 noite assim. Causa que eu vinha a mesma coisa. A turma fica assustado, mais num é de assustá se vendo daqui. Chama-se o vento de fora, por fora. Hoje em dia não, esse vento que venta tudo aqui. Vinha do mar prá terra. Sempre foi assim. Só que esse vento daqui que tinha aqui agora parô. Então ele fez a... Da massa fria, desde que coloca lá, então ela levanta. E AFETA NA PESCA, É ISSO? Ah, afeta. TRAZ MENOS PEIXE, É ISSO? Não. É bom prá peixe, sabe? Mais só que o mar fica agitado e quando vem agora, igual assim, vô falá procê também, ciclone... esse vento que dava... Então, tinha, lá sempre dava, mais não assim, agora castigô mais o negócio. E querem í na Lua, querem í na geleira lá, e num tem nada. Nóis aqui é prá ficá aqui, não prá í prá lá. Porque lá, aquilo lá, não é prá prá... que eles vão... mais isso tudo é fantasia. Porque Deus, parece que marca aí na Bíblia aí. Aí um discípulo pergunto: senhor, quando o homem quisé fazê mais do que a sua pessoa? Eu transformo é nisso aí ó. No pescador ele modifica o seu padrão de vida de qualqué jeito. E até a natureza. Ó essa onda do mar. Nem cientista, ninguém... Então, agora passô tanta água, se conta até o que que aconteceu e o outro que escapo então conto o negócio como é que é. Igual o negócio lá na Ásia né. Tem uma moça aí de Caraguá, de Ubatuba, que taí. Outra lá do sul que tava estudando. Então é assim. Sempre minha mãe dizia: meu filho, na guerra, pode sê a guerra que for, sempre escapa um ou dois prá contá história. Justamente é isso... Pu justu paga o pecador. E fazê o quê? É, como deu o repórter ainda agora, acredite quem quisé, mais que aconteceu... E ninguém pode impedi hein. O caso é esse aí. A natureza parece que dá uma resposta. Mais dá! Aqui em Caraguatatuba, aqui ta... eu vô contá prá você, o Rio do Oro ali. O rio passava lá onde passa a Telefônica, aquele corguinho lá. Então eles queriam secá lá, prá vim prá cá prá Santa casa. Mais só que eles num souberam fazê, a engenharia foi coisa. Fica um bocado pro lado, ficava bocado do outro e prá água empoçá ali, por causa disso secava sabe, lá. Num dia, o que que aconteceu? Deu uma chuva pesada na serra, arrebento ali, num mato ninguém. Lá foi aquela arriada prá baixo, a água mijo ali. Era certo memo, desde lá de cima, fazê o quê? E lá num seco lá e abriu aqui mais isso aí. Deixá para a natureza o que ela já fez, daquele jeito que ela qué. Então foi um pouco de água que caiu prá lá né, outro prá cá, outro prá lá, é assim. Mais não que era tudo planalto, não! Isso aqui ó. O mar, já foi lá em cima no pé do morro. Ouvi falá, num sei. QUAL O MORRO? Aqui, há uns 5 km, 6 km. Aqui tem um morro aí na frente aí. Aqui, ce vê a sombra aí onde é que tá. Não chega há 5 km não, 4 km. Então ce cavoca ali 1 metro, 1 metro e pouco e

ANEXO II – Entrevistas (cont.)

quando chegá, enconxa, então a água se põe lá. E a água onde teve diz que num... diz que vai botá um dinheiro, num sabe. E TEM CASA LÁ NO PÉ DO MORRO? Tem casa no pé do morro e a vorta que ta aqui! E se ele chegá no morro, isso aqui limpa tudo de água. Porque aí, ce vai aí, 2 horas de barco aí, você olha prá cá num enxerga nada devido a um buraco. Qué dizê que a água ta mais alta do que isso aqui. É... é o negócio é meio complicado! E o homem qué controlá tudo. Mais num pode, só aqui memo, e olhe lá. Num tem condição. Fazê o quê né?

A. M. A.: “olha. Natureza num tem, num tem! É Deus no céu, natureza na terra. Mais nós pode, vamo por por exemplo, o rio. Um rio corrente. Ta aqui, poluição tudo. Mais num é prá tê essa poluição. É que eles tão maltratando o rio. A natureza sente. Esse rio Juqueriquerê, o lá o Camburu, o Cambixe. Ce olha no rio, um rio... Eu to com 70 e poucos ano. Ele correu, faz assim quando cai aqueles galho assi, né, na água assim, faz assim ó, nunca paro. Hoje em dia ce vai dá uma vara, tá morta. Tiraram o leito do rio, sabe? Em lugar de fazê aquela curva, não, deixaram direto. Paralisô. Ta fartando alguma coisa. E tira areia hoje, tira amanhã. Então tira, num põe, faz falta né? Até... faz tempo que correu aí, em santos, ouviu falá? Eu daqui mesmo fiz a pesquisa. E vinha engenheiro lá do Pitanguero, fazê exame naquelas areia e você: o que é isso? Papo furado, né? E não é nada disso não.. Que havia ali perto no Fix, a carga ali, sabe aquela carga... do navio? Eu trabalhei né. Agora já é outros tempo, agora já é mais diferente ainda. De primeiro tinha aquela carregadeira sabe? Agora não, é aquele... tipo de uma draga. Tem que tê uma porta que pegá num sei quanto do rio. Terra, água, tudo, leva lá prá baixo. Então dia e noite aquilo ali e vai acabando. Então o peso em cima, ele vai arriando. Num tem...”

A. M. A.: “... não. Vinha pegá o peixe porque o pescador que matava daqui, o barco ficava aqui na barra, esperando. É barco de pesca que vinha de Santos, espera o pessoal matá tainha. O peixe que dava mais aqui é tainha. Aqui ce olhava no rio assim, puxa vida, tinha aqueles cardume, sabe? É... igual vivê, se cria um peixe no lago aí, dá comida todia dia, fala ói... olhava assim... o rio aqui era fechado. Aqueles galho, sacudia assim, pegava um barquinho uma canoa, sacudia assim, pulava duas pexa. Agora isso aqui, vai cantá no fundo. Não! Tô falando... Poluição e outra. Os barco aí de pesca agora. Não, a trainera, sabe?... que mata os cardume. Pega tudo. 15, 20 tonelada de peixe de um lado só. Cabô! Igual aquela bomba no Japão. Matô a população tudo. É então! Coitado do pescador, como é que fica nós prá arranjá dinheiro? Cume é que faiz? O pescador agora, coitado! Vai ficá difícil. NUM DÁ NEM PRÁ COMPETI, NÉ? Num dá, porque ele num pode comprá o peixe. E o peixe tá um preço alto. E prá você mate um peixe bom ali fora é 3 hora de viagem, agora. Se é um barco mais ou menos. A regra é a primeira regra, ce descobri o peixe. Meu pai que dizia, peixe porco, curvina, roncador, ts, ts, só pescá. Hoje tudo que caí na rede é peixe, né. NUM DÁ NEM PRÁ ESCOLHÊ MAIS. Num tem. É... voce dá mão prá cima ainda o que caí na rede, né. É, bagre, quinje e outra, esses parati, que são bambino, ce já voi na praia aqui não? Num pula aquele cardume de peixe, aonde ce viu agora? Aquilo enchia a canoa. Canoa, vamo supor. Botava aqui um farol, má num é farol assim não... enchia de querosene, cum óleo de mamona daquele da segunda

ANEXO II – Entrevistas (cont.)

guerra, sabe... botava aqui, o peixe tá lá, 100 metro pá perto. O peixe via a luz, vinha tudo e emborcava. Hoje, hoje sabe o que acontece? Ele vê a luz... ATÉ O PEXE APRENDEU! Ah, mas tudo aprende né filha? É coisa loca memo! É pá Deus duvidá memo! Num concordava é com a criança... cum um animal. Se a gente ensina ele, com o tempo ele vai... então. Pescava. Prá matá tainha assim, era uma rede tipo aquelas que puxa camarão na praia, só que era grande. Assim, sabe, socava no fundo. Aquilo batia... No tempo, já fiz 70 e poucos ano já, 71 e uns meses já. Num alcancei, só alcancei 4, mas que tinha, sempre tem mais. O cercado puxava, sabe. Cercado puxava assim, na bera aí, Tem o laço aqui ó, eu sei mais ou meno: limoeiro, nenê, é... Fernando, é... buraco, reversa, santa casa. Santa casa sabe por quê? Sabe por quê chamô santa casa? Tudo peixe machucado que vinha de fora, do cação, ela encostava ali naquele lance e a turma pegava na... cercava, pegava tudo peixe machucado. Nos outro laço era difícil. Então botaram no lanço, chama santa casa. Tinha o bagre, tinha 7 que marcam, só alcancei 3, 4 e aquele desaparecido. E foi zerando, e foi zerando ói aí hoje o lanço a quantidade que fica aqui tamém.”

A. M. A.: “... Garopa bota no costão. E esse tb a tainha, dá na água doce e na água salgada. Mas ela vinha prá desová. Então pessoal... 3, 4 mil peixe entrava no rio, então vinha bicho grande vinha atrás. O peixe vem do sul... da Lagoa dos Pato, os peixe tudo vêm de lá. A costa aqui é muito pobre.. é mais no sul, a pescaria... o peixe é mais de lá. De lá vem a Enchova e a Tainha. Aqui tem, mas a produção daqui é poco. Os peixe memo é lá.”

A. M. A.: “o mar é tudo né. É tudo na vida. Por exemplo, prá sobrevive da pesca é o mar memo. Num tem outro. O mar... no rio dá peixe memo, mas o mar é diversa qualidade né. Tem campo prá trabalhá. É campo dizê, tem. AINDA TEM? Tem. Depende da corajem do homem e tê um barco. Tem barco argentino ai, como é? Da Espanha. Mas barco grande né? Éee, preparado prá, pega o peixe e já... já prá vendê né? Já penso? E num adianta ocê tê vontade e num tê... igual, vamo supor, sô barbero, certo, mas se eu não tenho uma tesora de acordo, como é que eu vô cortá o cabelo? Num é verdade? Ah, então, a vontade é boa mas não... num tem jeito. Pequeno num tem veiz né. Então. Igual, por exemplo, aqui tinha muito armazém. Hoje em dia os poderoso é que tá. Supermercado, quem que vai pô a cara cum o supermercado. Num dá. Vendia aí lamparina, sabe, aquela vela de armazenzinhos, né. Hoje num tem mais não. Na pesca também. A lei em terra é do mais forte e lá no mar também é. Ce num vê o navio que vem aí, pega a tempestosa... É difícil o navio né pegá, é muito difícil. Porque daí é... eu num sei como a turma faz, bate numa pedra, a turma abusa. Ce vê também o titanic. E O SENHOR QUANDO TAVA NO MAR E VINHA A TEMPESTADE? Mais eu nunca peguei. JÁ PERCEBIA ANTES? Já. Mas aqui num dá tempo fechado. Não. Isso aí é ventinho. Não, é que o pessoal anuncia e é só o medo. O medo é que faiz... É, eu vô falá prá você. Tinha um barquinho pequeno, fui pescá. Eu e meu cunhado. Hoje ele é falecido. Deu o ar da capitania sabe. Num sei ninguém não... de Caraguatatuba, tava o barquinho lá. Nem de Caraguá, nem de Ubatuba. O tempo tá ruim. Mas o tempo tava ruim lá. Aqui não. Então eu disse, não. O meu cunhado: mas dá prá í? Dá. Fomo lá, larguemo a rede,

ANEXO II – Entrevistas (cont.)

deixemo a rede, pegô o pescado. Capitão fico olhando. Ce foi? Fui, então! Ói. Tô esperando esse tempo até hoje. Num pode tê medo. Num pode abusá! Respeito e entende memo mais ou menos né? Porque de primeiro, a natureza era assim. Ela ameaçava como ameaça. Agora não, agora faz o seguinte. Ela ameaça, até agora, trovejava lá, eu ia pegá o guarda-chuva... Hoje não, escureceu se prepara que vem chuva, prá depois trovejá. O noroeste, um vento que nós temo aqui. Ta seco. Ele ameaçava e chuva. Hoje não, se ele ameaça hoje, daqui 3 dia é que vem chuva. Mudô, mudô o rumo. E mudô e otra. Em qualqué brejo aí encontrava caxeta. Sabe, já ouviu falá em caxeta? Caxeta é tora grande assim e tem pequena também. Caxeta é madeira branca. Caxeta cum 1 metro e pôco. No tempo já do... do dilúvio, né. O dilúvio eu disse, da arca de Noé, 2000 ano atrás. É a sombra que dexô aí do morro, tudo certinho. Porque a natureza já tava pronta, certo? Mais naquele tempo ninguém se tocava. Então aquilo foi crescendo sabe? Foi crescendo, foi crescendo, cresceu ó. Deu a caxeta no brejo.”

A. M. A.: “a polícia é pá dá respeito à gente e a gente dá respeito à polícia. Uma vez ela era, má num é que ela era. Trombadinha, corre. Ce manda pará, pará. Num tem nada, ninguém vai matá ocê.”

A. M. A.: “vô contá um caso. Tava pescando cum meu cunhado, o meu irmão tinha morrido. Fazia 2 mês. Ali na, ce passo na frente do rio? Passo ali? Então, eu pescava aí no rio mesmo, esses parati. 10 hora da noite, aqui na rua tinha... saiu um capieiro lá. O moço ainda falo pro capieiro: ô moço, para aí! Foi não, parei. Era um polícia, 3 ladrão. E se eu corro? Cum 38 aí? Num vô... Nunca tive medo memo né. Como diz, quero morrê pra crê né. É, igual café. Ce me dá o café aqui na mão, ninguém vai pegá. Ele falo, ce mora aqui? Eu moro ali. E eu falei, e o assunto? Ah, eu vim atrás de ladrão aí. E se eu corro? E até hoje num to sabendo que foi essa polícia.”

A. M. A.: “agora que parô 3 mês, paraliso agora pá criá. Senão... Não, mais vai sê melhor nisso aí. Pra sardinha é. E se matá, ce vê se mata pequena fora da tabela o barco vai preso, tudo, e uma multa ainda. Tem que respeitá a ordem. Tem, senão... Igual o negócio da madeira lá... no Amazona lá. Então. Agora eu digo pra você, se o machado já fez sucesso no tempo de... daqui, RJ, SP, Santos e esse morro que eles... por aí, São José, SP, tudo machado. Quando mais agora é dentro da serra elétrica. Zera tudo memo. Porque o homem distrói, mais no fim ele vai sê destruído tamém. Um dia você sabe, ce num vê do foguete aí? Manda lá no céu pra í... E hoje num tem nem explicação. Disse que a caxa preta ia acusá, falaram. Quê? Tão fazendo outro. No fim da brincadera foi 20 e poço num foi, que morreu? Lá num é pra gente daqui í lá não. Lá é pra lá memo. Igual o governo ta mandando soldado pra destruição í pra lá pro lti, Tiiti, cumé? ...pra quê? Tem que cuidá daqui, lá no rio de Janeiro, né? Na favela lá. Vão mandá brigá lá a toa. Enquanto isso num olha o que é dele aqui que ta.... num é isso? Tem que olhá aqui, não lá. Lá briga depois. ... bomba né? Se lá você num conhece, vai pisá... to dizendo... aqui mata uns 2, 3, a pessoa acerta. Lá não, quanta mais mata mais festa fazem. Ce num vê no Iraque? Ah, aquilo prá eles é uma alegria! Ah, parece que gosta não. Gosta mesmo. Quando eu era

ANEXO II – Entrevistas (cont.)

pequeno lá na Aparecida do Norte, 12, 15 ano, lá sempre tem... como é? português não, como é aquele que gosta de dinheiro? Turco, né, turco. Aí, escoteiro, soldado memo num vi, sabe... o soldado mesmo tavam na outra festa de lá. E falei pro menino, que é isso aí ô garoto? Não... tava cum 15 ano hein! Isso aqui eram tudo que morreu. Puxa vida, falei assim pro menino. Lá em casa não. No litoral o pessoal sente e fica tudo quieto aqui faiz festa, que negócio é esse? Então é isso que eu tirei. E como morre lá, bastante gente, é festa deles. Num é verdade? Então... A moda num é daqui. A moda vem de lá prá cá. Biquíni, cabelo, punk, num sei o quê. É tudo de lá! Eu manjo do negócio. Um caso sério.”

2. Surfistas

Itamambuca

QUAL O SIGNIFICADO DA NATUREZA PARA VOCÊ?

F. A. S.: “Acho que de uma forma geral a natureza ela é essencial pra vida do homem. Ela faz bem não só fisicamente ela é necessária como também espiritualmente ela também é muito boa, ela é essencial também. E eu acho que todas essas coisas que acontecem de furacão, tsunami, monte de coisas acontecem relacionado à isso, acho que o homem num ta, num trata a natureza do jeito que deveria e ela acaba se voltando muitas vezes dessa forma. Eu acho, eu acredito que seja isso também”

QUAL O SIGNIFICADO DO MAR PARA VOCÊ?

F. A. S.: “ah, é tudo. Sem o mar eu num... assim... se tem opções de, de, de relax também, de que possa... que você pode ficar com a cabeça mais tranqüila. Surfar pra mim é... essencial. Se eu não surfar eu não consigo fazer muitas outras coisas. Se tem opções, por exemplo, andar de skate, fazer downhill, monte de coisa, mas assim... a melhor coisa é surfar e o mar se tem que ta sempre em sintonia com o mar então o mar pra mim é essencial.”

F. A. S.: “por exemplo vai, num dia, se tem que tá num dia muito bom é... tranqüilo com um monte de outras coisas pra poder, pelo menos comigo, pra entrar no mar e surfar bem. Ce tem que tá em sintonia com a onda, ce tem que fazê a linha da onda de uma forma correta. Então se tem que ta entendendo tudo o que mar tá te trazendo, tudo o que a onda tá fazendo, como que ela tá levantando, como que ela tá formando... então assim...eu procuro tá sempre com a cabeça muito tranqüila pra poder entender, entender o mar, entender a onda, prá poder surfar de uma forma agressiva, uma forma legal mas que você consiga também tá em sintonia com o mar e com a onda, então assim.. muito de seu estado de espírito quer dizer conforme ce ta surfando, conforme o mar tá te vindo, tá trazendo a onda, ce também tem que estar esperto nisso também.”

ANEXO II – Entrevistas (cont.)

QUAL O SIGNIFICADO DO SURFE PARA VOCÊ?

F. A. S.: “é fundamental assim, as três coisas tão ligadas. A natureza, o mar, o surfe, as três coisas estão ligadas, mas é essencial. Depois que você começa a surfar, você começa a entrar numa rotina de vir pra praia sempre é... de começar a pegar onda, de, de entender o que o mar te ensina dentro da água, de humildade, que ce tem que ser muito humilde dentro da água, ce não pode querer menosprezar o mar que você ta, que o mar é, é traiçoeiro, um monte de lição que o mar te ensina e o que o surfe prega pra sua vida de educação física assim, de você ta bem com o seu corpo, ce não pode ficar bebendo, fumando, nem nada disso, ce tem que ta sempre legal. O surfe pra mim é essencial assim... uma forma física e espiritual, diria que o surfe pra mim é essas duas coisas juntas.”

QUAL O SIGNIFICADO DA NATUREZA PARA VOCÊ?

W. K.: “pra mim natureza... é vida né? É muito vida, assim... mato é vivo, bicho é vivo, tudo... pra mim natureza é tudo, né cara? É um escape total... de quem mora em São Paulo é um escape né, cara? Na verdade, parece uma selva aquele lugar né? Quando ce encontra a natureza, ce chega mais perto da natureza, ce tem a idéia da dimensão que é o negócio.”

QUAL O SIGNIFICADO DO MAR PARA VOCÊ?

W. K.: “o mar... representa prá mim o infinito cara. Nessas, nessas oportunidades de surfe, pesca, de vida. Foi daí que surge tudo né?”

QUAL O SIGNIFICADO DO SURFE PARA VOCÊ?

W. K.: “surfe cara... o surfe... eu viveria surfando. Eu gostaria de deixar meu trabalho pra viver surfando. Infelizmente num dá né?.. mas o surfe pra mim também é um grande escape né cara? Grande... quando você pára, pensa, lembra de.. várias as pessoas, lembra das coisas, sente uma adrenalina quando o mar tá grande, acho que é tudo isso.”

QUAL O SIGNIFICADO DA NATUREZA PARA VOCÊ?

R. S. B.: “Bom, na natureza é vida né? Pra mim é vida, é tudo que tem o mar, é... verde né? Prá mim significa vida, significa saúde e vida, num tem muito...”

R. S. B.: “Bom porque dela é que a gente busca tudo né? A gente busca o alimento, a gente busca a água pra beber, a gente ta bem, bem... entra no mar prum meio pruma qualide de vida melhor, pra você... fica... bem melhor, no seu bem estar, entendeu? ...melhor... então isso ajuda com que sua vida melhore, então ela é uma... uma meio de se viver bem.”

ANEXO II – Entrevistas (cont.)

QUAL O SIGNIFICADO DO MAR PARA VOCÊ?

R. S. B.: “o mar, pra mim? Ah... o mar é... o mar é... o mar! O mar pra mim é as ondas, são tudo. É o mar que me inspira a surfar, a pegar as ondas, entendeu?... a nadar e... além de faz parte da natureza.”

QUAL O SIGNIFICADO DO SURFE PARA VOCÊ?

R. S. B.: “o surfe prá mim é... significa paz. Significa paz de espírito e tranqüilidade.”

R. S. B.: “porque quando ce ta no mar pegando onda, ce ta ali, fazendo um exercício, você ta se exercitando e... ao mesmo tempo tem a adrenalina das ondas grandes, de você cair ou num cair.. então você fica ali concentrado naquilo e como a água ela te proporciona esse, esse espírito de paz.”

QUAL O SIGNIFICADO DA NATUREZA PARA VOCÊ?

R. G. J.: “ah, eu acho que o que mais faz a gente surfá é realmente o contato com a natureza o... além de vc tá se mantendo fisicamente bem que eu acho que é importante, principalmente na minha idade, apesar de eu surfá desde os 12 anos de idade.É o, parece que a gente vai no psicólogo né. Parece uma... uma terapia, né, o contato desse fato de ce ficá dentro do mar, especialmente aqui nesse lugar onde você tem um visual incrível. Então... acho que te põe o pé no chão, né. Prá mim funciona muito prá refleti é... que caminho tomá na grande São Paulo, onde a gente mora, onde a gente vive, onde a gente trabalha né, tem ocupação, tem o filho, tudo, então... meu filho já ta surfando também. Então tudo... é demais, num tem...”

QUAL O SIGNIFICADO DO MAR PARA VOCÊ?

R. G. J.: “ah, eu acho que é... o mar é uma coisa que a gente tem que respeitá, tem que sabê quando ta muito forte, muito fraco né. Então ele é... o surfe é um negócio que uma onda é sempre diferente da outra, nunca é igual. O mar representa... é tudo prá mim. É... inclusive minha forma de vida. A minha profissão, eu sou um estilista de surfe, de moda surfe. Então, tudo a vê. Acho que prá essa pesquisa aí eu sô acho que talvez um caso especial nesse sentido né, porque eu vivo disso, eu pô, é aí dentro que eu tenho as minhas idéias, é daí que sai todo meu estilo de vida, o estilo do meu trabalho. Todo tempo tem, tem sentido. Lógico que tem horas que é o puro prazer de você surfá, o contato com a natureza, né. E...é, num é, é muito especial. Vale a pena dizê que ce surfá aqui e surfá na Pitnagueiras, no Guarujá, não é a mesma coisa. Pelo menos prá minha cabeça, né, pro meu estilo. POR QUÊ? Ah, porque ali você tem, né, ta uma zona urbana com uma praia na frente. Né, é um tapete de concreto assim, de vários espigões ali né. Chega 4 horas da tarde começa a fazê sombra na onda por causa do prédio. Então, eu acho que vale a pensa cita esse exemplo aí prá você é interessante né. Então...tem lugares que infelizmente é... poderiam sê maravilhosos e num são mais. E QUANDO VOCÊ ESTÁ LONGE, O

ANEXO II – Entrevistas (cont.)

QUE VOCÊ PENSA DA RELAÇÃO COM A NATUREZA? Ah, a gente vai se adaptando a ficá 5 dias longe, né. Então, por exemplo, esse fim-de-semana a minha esposa num quis vim, o meu filho tamém não, mas eu vim com meus amigos porque quando a gente num vem fica... é aí que começa a pegá né. Ce começa a senti a, a falta e o... eu num vô dizê que a gente fica mais estressado mais fica chateado né. A Internet traz a informação prá gente, câmeras de surf, então a gente vai acompanhando o dia-a-dia, fala ah o fim-de-semana vai tê onda, num vai né... ontem deu altas ondas, 3ª feira assim por exemplo e a gente fica meio injuriado de num ta aqui. Mais é necessário, mais o contato com a natureza é fundamental. É uma coisa que eu acho que acostuma as pessoas... Tem algumas que tem outros estilos. Ce vê jovens hoje totalmente urbanos com essa moda de é... street, urban, né, música, arte, tudo... então eu vejo hoje jovens que num sabem o que é isso. Mais desconectados. Totalmente! Os valores deles são diferentes. É, são opções de vida, mais... tão perdendo.”

QUAL O SIGNIFICADO DO SURFE PARA VOCÊ?

R. G. J.: “surfe é isso aí. Uma onda é diferente da outra. É um esporte individual que você faz sua cabeça sozinho. Você vai atingindo objetivos, vai superando desafios, vai respeitando alguns momentos né. Tem fim-de-semana aqui que tem onda de mais de 2 metros. Tem que sabê a hora certa de entrá no mar, a hora certa, a onda certa que ce pode pegá, num pode arriscá muito. Então isso são coisas, são... você vai pegando uma disciplina, uma relação com o mar.... É... é uma terapia, é uma coisa que te deixa é, o seu corpo bem legal, faz muito bem prá cabeça, né. Tem tudo a vê, meu. O surfe é um esporte muito especial, eu acho né. Eu ando de skate também, já joguei bola, já... a gente sempre tenta uns esportes diferentes, mais... o surfe é muito legal. É um esporte barato né, até de ce tê um equipamento, ce podê í prá praia e te traz, assim, ce consegue criá suas emoções e ficá bem satisfeito com isso.”

VOCÊ FALARIA MAIS ALGUMA COISA DESSA TUA RELAÇÃO COM A NATUREZA, POR MEIO DO SURFE?

R. G. J.: “ah, tem é que acrescentá algumas imagens, né, pro pessoal tê noção disso assim porquê é uma coisa meio difícil de você expressá né. O surfe é uma cultura, é um estilo de vida. Num é só um esporte, é mais do que isso por tudo isso que eu te falei. Ele te deixa de cabeça muito feita. Nesse momento eu tô na maior paz, entendeu? Ah, a gente fica realmente.... num tem palavras. Ce fica num estado, pô, ce fica completo né, porque você fez um exercício, você teve uma emoção, você teve um... uma conexão assim, você tem que se integrá ao mar, você tem que tê aquele momento certo de remá, de entrá na onda, de ficá de pé, de fazê as manobras, né, de explorá a onda, consegui tirá aquele nível de surfe que ce tem, ce consegui fazê ali algumas manobras, né, que a onda permite e... então, é demais, né. Num é igual você í numa academia e andá nos aparelhos ou... com todo respeito a todo esporte... eu pegá uma bike e saí pedalando, né. É meio que nem o basquete, ce vai jogá com

ANEXO II – Entrevistas (cont.)

outras pessoas que às vezes ce não conhece, ce tem que tirá a bola dos caras, fazê a cesta, ce tem que fazê falta, é meio isso aí, né. Mais o surfe é muito loco porque nem uma onda é igual à outra. Então o fato de você é... ta dentro do mar, ce tem que ali se posicioná, ficá remando. A onda tem que vim prá você naquele jeitinho certo prucê entrá nela e pá surfá ela, né, então tem uma sintonia. Ce realmente tem que é, se sintonizá, ce ta ali com uma certa concentração prá que aconteça porque ce tem um um um é... um, ce tenha um rendimento, um desempenho legal e faça a cabeça. Tem momentos, tem dias que cê entra na água e ce num pega as ondas ou... pega as ondas erradas, né. TEM DIA QUE CE SAI MEIO FRUSTRADO? Não, não, num dá. Tem dia que ce sabe que ce não rendeu, que não foi a sua bateria, mais aí ce pode ficá também muito tempo sem surfá e surfá e ce vê que ce não teve um rendimento físico bom, né. E então você, mais você sabe porquê, onde tá sua falha. Hoje mesmo tem um amigo meu que ta na água, ele falô: pô, tem um mês que eu não surfo. Então só de ele falá isso ele já ta sinalizando que ele não vai tê um bom rendimento né, que qué dizê: o corpo dele tem que se adaptá, né. Também é um cara que tem já uma idade, num é tão moleque, então é... quanto mais idade você tem, mais o seu corpo sente isso né. É... graças a Deus prá esse ano eu... só pelo trabalho pra algumas viagens que eu fiz eu perdi final de semana mais todos que eu tive em SP, eu vim todos fim de semana pá praia. É o objetivo esse ano assim... Ah, eu surfo desde os 12 anos. Prá Itamambuca eu freqüento aqui praticamente há 15 anos. Minha casa é bem mais recente mais a gente sempre alugô casa, antes alugava casa com vários amigos assim, era casa da locura, né. Vinha todos os casais, não casais vinha, então sempre tinha 10 pessoas todo fim-de-semana. É... vamô descê, vamo descê, né. Você sente alguma diferença (tempo de antes e hoje)? Meu, olha... Graças a Deus, Ubatuba, em especial, ta tendo uma conscientização de se mantê o que nós temos aqui. Itamambuca, em especial, graças à associação que tem aqui, está preservando, está mantendo, conseguindo mantê isso aqui, é... essa natureza né. Porque olha, olha aqui ó, ce num ta vendo nenhum telhado, né, então isso aqui é uma vitória, é um exemplo. Infelizmente há praias ou lugares aí que, por exemplo, vale citá Maresias. O que que aconteceu com Maresias? Cabô o charme dela. Há 15 anos atrás eu ia surfá lá, era uma coisa, era um absurdo, era um negócio assim desbundante né e hoje viro ali também um muro em frente à praia, telhados, condomínios e rodovia, né. É, a rodovia foi feita errada pq a rodovia correta era pá passá lá no pé do morro, lá fora, no sertão. E aí por motivos políticos e econômicos fizeram a estrada à 200 metros, 100 metros da praia. Foi maior besteira que fizeram ali, acabaram com tudo. Seria outro lugar se tivesse feito isso e se a marinha tivesse segurado a faixa né que ela, que ela tem de, de, que é isso aqui. A gente tem um cinturão aqui antes das ruas que garante né, essa, essa sensação de sê 100% natural, apesar de num sê, ce tê muita casa aí. No morro também que é um absurdo, a gente ta tentando fazê um trabalho ali prá fazê fossas coletivas tudo mas o pessoal ali num infelizmente num está tendo a cultura ou a sensibilidade de eles mesmo se protegerem, né. Então infelizmente o rio ali hoje já num oferece condições de ce nadá, principalmente no verão que aí já já é um lugar poluído. Interfere em tudo. É o reflexo, infelizmente vem à galopante né.”

ANEXO II – Entrevistas (cont.)

R. G. J.: “porque combina muito com o clima (...) O Brasil é um país tropical, muito tropical assim com clima meio que úmido, num é tão seco. Quando ce tem o clima seco, o clima seco te permite se vesti com mais peças, ou seja, a sua indumentária fica mais completa, a sua pele não transpira tanto, então isso faz com que você possa usá roupas mais fechadas, então você pode se compor melhor. Então como nosso clima é úmido né, a gente transpira muito, então o surfe caiu muito bem pro brasileiro, que é camiseta, bermuda... né, são roupas leves. Como a gente tem aí, 8000km da praias ou mais, muita onda... o surfe virou moda em função da simplicidade que tem a roupa, ela é gostosa de você usá. Mas fora a roupa, será que não te alguma coisa de querê parece um surfista, né? Tem, é aí a gente chama do público simpaticante. Realmente, o surfe tem um encanto, né. Então você, eu já tive oportunidade de fazê viagens assim, de pesquisa, até, tá em lojas, em Goiás, sabe, interior mesmo, Minas Gerais e você vê que, quem usa essas roupas, realmente tem uma paixão por esse esporte. A distância do mar, muitos nem conhecem o mar, faz os caras ficarem loucos né. Então com, cum a abertura que teve de mídia, cum Internet, televisão a cabo, tudo, é... hoje é possível você vê é.. surfe na TV todo dia. E é mesmo, né? Ce na Internet, então, tem vários canais aí disso. Então a molecada fica doida né. E os jovens assim, ficam malucos. Eu já tive é a oportunidade de recebê lojista do interior que quis, que quis surfá, quis pegá o pranchão e fazê uma aula de surfe numa escolinha assim prá ficá de pé e senti essa sensação. Então é... viro uma mania nacional assim, uma moda que é uma moda que.... e que tem uma faixa de preço que combina com a classe C, com a classe D, né. O público A, o público B veste, vai atrás de etiquetas nobres em pontos nobres mais existe hoje um mercado prá classe C,D e E, de surfe, porque a roupa de surfe ela pode sê feita muito barata, muito simples e passá essa cara né, com silk, com logotipos, com frases assim que o povo adotô.”

QUAL O SIGNIFICADO DA NATUREZA PARA VOCÊ?

F. A. S.: “ah, natureza é, é tudo. É onde eu arrumo energia prá passá minha semana. Aonde eu descarrego meu stress quando eu chego aqui de passá a semana toda em SP, né. Quando você chega aqui vc sente o alívio de tá no meio da natureza, da energia que ela te passa. E POR QUE, QUE ENERGIA É ESSA? Ah, é a calma, a tranqüilidade que tem assim, esse verde todo, escutá os passarinhos, isso tudo é o que me traz prá cá.”

QUAL O SIGNIFICADO DO MAR PARA VOCÊ?

F. A. S.: “olha, tudo mundo fala assim de, de surfá, que é um hobby, tudo. Prá mim surfá é um estilo de vida. É... eu quando eu tive acho que 70, 80 anos, se Deus me conservá com saúde, eu te garanto que eu vô ta em cima duma prancha. Não pelo prazer de sê um hobby, mais é um estilo de vida, entende? É onde eu arrumo energia, aonde eu penso... Qual é esse estilo de vida? É um estilo de vida natural, de você sempre ta de bem com você. De você num saí na noite e se acabá em besteira, sabe. De você num querê prejudicá o próximo. Eu digo em relação assim até em

ANEXO II – Entrevistas (cont.)

trabalho às vezes, sabe, como profissional você num querê atropelá ninguém prá tê um espaço dentro de uma empresa, sabe. Você consegue as coisas pelo seu dom mesmo, pela forma que você trabalha, pela garra que você mostra. O surfe me passa muita, muita, muita coisa assim, eu num... ah, como é que eu posso te falá? É, sei lá, é de cada um assim, mais todo mundo que eu conheço que é de surfá mesmo, meu irmão que é um cara bem mais velho que eu, que surfa muito mais que eu também, ele me passa muito essa filosofia assim, sabe, de num querê nada dos outros e sim consegui o seu. Sabe? Eu num quero atrapalhá ninguém, mais eu quero tê o meu espaço também, entende? É isso que eu faço. A NATUREZA TE ENSINA ISSO? Bastante. Tipo quando eu to lá dentro do mar, sozinho, eu penso no que eu vô fazê durante a semana, na reunião que eu vô tê amnhã. Essas coisas que eu fico pensando, a solução que eu vô tê que tê prá aquele problema ou então ali, pro meu setor ali que eu trabalho, arrumá solução. ELA TE INSPIRA DE CERTA FORMA? De certa forma sim. E... num é que me inspira mais me traz bastante calma.”

VOCÊ FALARIA MAIS ALGUMA COISA DESSA TUA RELAÇÃO COM A NATUREZA, POR MEIO DO SURFE?

F. A. S.: “olha, isso é uma coisa assim muito... muito acho que de cada um pq eu surfo por intermédio do meu irmão. Se não fosse ele na minha vida eu acho que num seria essa pessoa que eu sô hoje, eu seria um cara meio diferente. Então eu devo muito a ele, assim. Assim, tem pessoas que surfam durante o verão, que se acham surfistas. Tem pessoas que surfam o ano inteiro que são na dele, entende? Num se mostra querê sê melhor. É, tem gente que fingi, que faz, e chega na água quase morre afogado. Entende? Tem outros que é magrinho, que você num dá nada, ele chega lá dentro e quebra. Então assim, eu sô um cara que eu sô muito na minha, eu num sô muito de ficá falando, de botando vantagem. O que... assim ó, o que eu posso dizê é que cada um é cada um sabe? E todo mundo tem que tirá o melhor proveito da natureza, sem querê sê melhor que ninguém. Essa é a minha opinião. De todo mundo, todo mundo tem um espaço. É só você sabê achá o seu e se encaixá ali dentro. É isso aí.”

QUAL O SIGNIFICADO DA NATUREZA PARA VOCÊ?

G. F.: “a natureza é isso aí ó. É o mar, vento, né, a mata, aí ó. Num tem muito que fala assim. A relação é 100%, né, porque a gente depende da natureza prá praticá nosso esporte. Se a natureza num... num nos ajudá cum tipo, vento, ondulação esse tipo de coisa a gente num consegue surfá. Então a nossa relação com a natureza é 100%, né, a gente depende 100% dela prá ta praticando o esporte né. E prá você? Prá mim é... pô... é tudo né, tudo de bom, tem que preservá né, quanto mais preservá melhor porque aí as coisas num vão, vão deixá as pessoas verem do jeito que sempre foi, né. Num estragá né ou tenta arrumá né, preserva né, eu acho que preservá é a primeira coisa que eu penso, né. Eu sô da ONG aí de Ubatuba e a gente visa muito isso né, a preservação da praia, as lixeiras em Itamambuca, as pessoas ajudando, vêem o lixo, recolhe o lixo. É a ONG de Ubatuba da SAI,

ANEXO II – Entrevistas (cont.)

Sociedade Amigos de Itamambuca. E vc é daqui? Eu não, sô de SP. Venho todo final-de-semana, tenho casa aqui. Há quanto tempo você surfa aqui? Eu surfo aqui há 18 anos já.”

QUAL O SIGNIFICADO DO MAR PARA VOCÊ?

G. F.: “ah, prá mim o mar é uma... como se diz... é a estrela que nunca se apaga né. Que é uma coisa que eu, eu dependo muito do mar prá vivê porque onde eu mais tipo tenho reflexão das coisas é no mar porque é onde você mais para prá pensá né porque... ce fica dentro do mar, muitas vezes ce ta sozinho, você e o mar, e ce reflete muitas coisas boas né. Eu, eu gosto muito do mar né. Eu suro desde que eu nasci então... prá mim, meu... se eu ficá sem o mar é a mesma coisa que, sei lá, mesma coisa que você não terminá seu mestrado, por exemplo. PRÁ VOCÊ É ESSENCIAL? É, com certeza é. Morei na praia 8 anos né. Eu morei no sul, morei na Joaquina. De frente prá Joaquina, durante 8 anos. E eu cheguei agora no meio do ano e pô, eu venho 3,4 vezes por semana eu venho prá Ubatuba. É porque como eu trabalho de representação então meu trabalho num exige muito horário. Então às vezes eu venho de 5^a à noite, vô embora 2^a de tarde... Qual sua formação? Na verdade eu fiz duas faculdades né, só que eu me formei em turismo e hotelaria e num consegui me formá em administração. Num consegui, não. Num quis né. Mais pô, eu num me identifiquei muito com o turismo não, sô mais vendedor, eu acho. Sempre fui vendedor.”

VOCÊ FALARIA MAIS ALGUMA COISA DESSA TUA RELAÇÃO COM A NATUREZA, POR MEIO DO SURFE?

G. F.: “ah, eu, primeira coisa eu ia falá de mim né. Eu ia falá que, como eu comecei né, como foi o incentivo prá eu começá porque como é um esporte muito difícil, delicado, porque cê tem que sabê nadá, você num pode tê medo, você tem que sê uma pessoa cabeça fresca assim, num sê desesperado, então é um esporte que requer muito muito mental, entendeu, ce precisa sê muito focado prá aquilo que você qué. Eu demorei uns 5 anos, 6 anos até consegui, tipo, pegá uma onda assim, corrê numa onda. Só prá você vê, pô, 5 anos até o cara corrê uma onda é porque você precisa tê bastante força de vontade, é, prá consegui, meu... Tanto que, um dos motivos acho que eu fui morá na praia foi isso mesmo, foi me aperfeiçoá pro surfe, né, que eu consegui. Hoje em dia eu caio numas merreca aí, consigo pegá onda, fazê minha cabeça que coisa de 10, 15 ano atrás eu não ia consegui, eu ia ficá remando, tomá vários caldos e num ia consegui pegá. Hoje em dia eu já, já... o mar prá mim, meu... eu fico tranqüilo, assim, eu caio no mar, eu esqueço de tudo, eu penso só em pegá onda. Tem medo? Num é medo. Medo todo mundo tem. Eu num tenho assim, tipo, não é medo do mar assim. Eu fico, eu respeito, né. Eu acho que cê tem que respeitá acima de tudo, né. O medo é consequência. Todo mundo sente medo. Aqueles cara que faz onda gigante, os cara fazem. Eu sinto medo mas ao mesmo tempo eu respeito porque você respeitando e sentindo medo, você tem boas chances de se dá bem, né, porque o respeito acima de tudo é... principalmente com

ANEXO II – Entrevistas (cont.)

a natureza, mãe natureza, né. As pessoas que acabam às vezes até desrespeitando, né. Vai, sem medo, acha que é o tal. Onda vem, engole memo.”

QUAL O SIGNIFICADO DO SURFE PARA VOCÊ?

G. F.: “ah, prá mim o surfe é um hobby né. É tipo, é um jeito que eu vejo deu assim, como eu te falei, aquela estrela que nunca se apaga, né. O dia que eu pará de surfá vai se a mesma coisa que sei lá, um cara que anda de bicicleta pará de andá de bicicleta porque... é uma coisa que meu, eu me apego muito. Pode ta chovendo, pode ta frio, pode ta o tempo que for eu to surfando. Levo minha namorada junto comigo, ela fica na areia lá, nunca gostô de surfe, mais fica na areia lá lendo a revista. Eu fico no mar, entendeu. E pô, prá mim, pô o surfe é tudo né. É um meio que pô, eu me vi, assim, é um jeito de eu me expressá assi comigo mesmo assim. Tipo, se eu pará de surfá eu vô ficá muito mal, vô entrá me depressão e pô... é isso aí meu!”

E LONGE, EM SÃO PAULO, QUAL SUA SENSAÇÃO?

G. F.: “é uma sensação de vazio, cara. É uma sensação que voce sente que você... ce se sente meio vazio assim, pq, ce sente que falta alguma coisa prá complementá entendeu, seu dia-a-dia assim. E eu muitas vezes acabo trabalhando de manhã e meio-dia eu vô pro guarujá. Como é perto de SP, eu faço isso. Aí eu surfo à tarde e volto porque meu trabalho, é, permite é... o horário é flexível né. Eu posso trabalhá de manhã, folgá à tarde, e trabalhá à noite pq como é loja, às vezes as lojas vão até 10, 11 da noite. Então eu às vezes trabalho de manhã, surfo à tarde e trabalho à noite, vice-versa. Às vezes, surfo de manhã... às vezes eu vô prá praia bem cedo, tipo 6,7 horas, aí surfo até 10-11 da manhã, subo prá SP e aí até 10 da noite trabalhando. Que o escritório permite né. Isso aí que é bom. Muitas pessoas que trabalham no escritório e são fissurada em surfe tamém num dá né. Tem que cumpri horário, das 6 às 8h, das 8 às 6h... E um dos motivos que eu voltei do sul foi esse, que eu sabia que eu ia consegui trabalhá e surfá ao mesmo tempo, entendeu. Como eu já trabalho já no meio do surfe, então prá mim foi... Eu trabalho cum confecção de roupa, a marca do surfista né. Eu trabalho com a Ciclone e a Sex machine. São marcas já voltadas mesmo pro surfe e que eu sempre tive vontade de fazê e no sul não consegui né. No sul eu fui mais pro lado da hotelaria, trabalhei em hotel, esse tipo de coisa e, pô, conseui, né, concilia umas coisas à outra. De 7 dias, eu surfo 4. Ou de 7 dias eu consigo surfá 3. É, então pra mim é bom. To ligado toda hora às notícias, esse tipo de coisa. Às vezes as pessoas levam a gente pra viajá... A nossa fábrica é a única fábrica brasileira que é 100% praia né porque a gente ta à 100, à 300 metros da Barra da Tijuca, no Rio. A fábrica lá é lá a matriz né. A única fábrica de roupa que tem que é na beira da praia é a Rip Curl, lá na Austrália. Então ce vê que meu... é... pô, um super incentivo né, um privilégio, com certeza.”

G. F.: “ah, se você for vê, que nem, como eu pego onda já há muito tempo, eu vejo o surfe assim, num crescimento assim muito, muito rápido assim, que nem,

ANEXO II – Entrevistas (cont.)

Itamambuca, 10, 12, 14 anos atrás, a gente vinha surfá aqui numa galera de amigo e era só aquela galera de amigo, entendeu. Num tinha essa raça que tem hoje, essa galera, esse crowd. O que eu acho que essas pessoas que vem a usá a roupa de surfe, é porque o surfe ta na moda, né. Hoje em dia todo mundo qué sê surfista. É, o estilo de vida! O moleque lá, a criança num qué mais usá a ropinha do Pluto e do Mickey. Qué usá, qué sê igual ao pai, entedeu. Usá a roupa da Quicksilver, uma da Billabong, uma da Cyclone, entedeu. É assim que funciona! Eu acho que é mais porque fica muito modinha, né, por isso que deu esse crescimento assim.”

G. F.: “praia do Félix também, ia a galera. Pô, surfo com uma galera na Ativada aí, que é outra praia aí do lado, porra meu... Porque lá é um pico assim que vem uma onda só, entedeu. Então 5 pessoas no mar já é crowd, já ta cheio. Pô, hoje em dia lá é insuportável surfá. É! Muita gente. Tem gente que até madruga lá pra pegá onda. É, e antes num era assim. Antes ce vinha aqui pra Ubatuba e num tinha nada, tinha nada. O surfe tava concentrado todo em Santos, Guarujá, aí mais isso aí é o crescimento. É normal né.”

G. F.: “não, acho que Ubatuba é um lugar que sempre foi muito preservado, né. A Itamambuca ce pode vê. Eu venho aqui já à vários anos e num mudo né. Num, tipo, continua 100% a mesma praia, olha aí. Num tem casa nos morros.”

G. F.: “é então. Eu acho que precisa muito ainda aqui pra Ubatuba. As Ongs, tipo, se reunirem, se juntarem pra, tipo, combatê esse tipo de coisa mesmo, a urbanização né. Porque quando chega as pessoas, querendo ou num querendo elas acabam estragando alguma parte, fazendo desmatamento. É legal preservá. Por exemplo, ce vié construí uma casa aqui em Itamambuca, pô, preserva o seu terreno, enetedeu, tipo, deixa todas as árvores. Isso aí que é importante, a conscientização ambiental na cabeça de todo mundo. Eu faço parte da Ong aqui de Itamambuca. MUITA GENTE FAZ? Meus amigos a maioria. Eu tenho um amigo meu que é presidente até. A gente tem também muita ligação com as pessoas daqui, entedeu. Então a gente sempre acaba passando isso e já melhoraram bastante. Conscientização é tudo né, porque pra você mora num lugar desse e tê a consciência aqui que ce, pô, num pode, entedeu, jogá um papel no chão... não que papel no chão vai estragá, mais com o tempo acaba estragando, entedeu. Então, é a conscientização. É lata de lixo, tudo no seu devido lugar, meu, assim vai seguindo... né, tranquilo, né. Sem muito stress. Eu acho que é isso aí, mora na praia é um privilégio. Quem consegue tê uma qualidade de vida boa emora na praia, é uma pessoa vitoriosa porque hoje em dia o surfista ele precisa ta muito perto do mar assim. Então morando na capital fica mais difícil do que morando na praia, entedeu. Tipo, eu eu sinto muita falta da praia lá quando eu to em São Paulo. Muita falta. Eu chego na na em casa assim, falo pô essa hora eu podia ta dando um rolê na praia, num precisava tê nem onda. So ta dando um role na praia, já tomando a brisa já do sal assim. É, só tomá a brisinha do sal que sai de dentro do mar já... já dá a refrescada.”

ANEXO II – Entrevistas (cont.)

G. F.: “Acho que é só isso. A relação do surfista com a natureza é 100%, né. Porque sem a natureza não ia tê surfe e eu acho que a gente tem que preservá pra sempre tê, né. Pras pessoas, pras futuras gerações que tão vindo aí, quando chega aqui em Ubatuba encontrá desse jeito aqui que a gente ta vendo hoje. Não devastado, cheio de casa aí no morro e esgoto caindo dentro do mar, entendeu.”

G. F.: “tem tem vários projetos aqui pra Ubatuba, tê casa nesse morro, tê casa no outro morro. É que as pessoas num aprovam,né. Então as pessoas num aprovando, as Ongs se juntando pra tê essa consciência, essa conscientização, é ótimo.”